



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

ISABELA KAROLINA GOMES FERREIRA OLIVEIRA

**EX-GORDINHAS: UMA ALMA INDECISA**

CASCAVEL – PR

2018

ISABELA KAROLINA GOMES FERREIRA OLIVEIRA

**EX-GORDINHAS: UMA ALMA INDECISA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade.

Orientador: João Carlos Cattelan.

CASCAVEL – PR

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas – UNIOESTE)

O47e Oliveira, Isabela Karolina Gomes Ferreira.  
Ex-gordinhas: uma alma indecisa / Isabela Karolina Gomes  
Ferreira Oliveira. --- Cascavel (PR), 2018.  
79 f.

Orientador: João Carlos Cattelan.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do  
Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, 2018. Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Centro de Educação, Comunicação  
e Artes.

Inclui bibliografia

1. Análise do discurso. 2. Magreza – Indústria. 3. Corpo humano – Peso - Mulheres. I. Cattelan, João Carlos. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

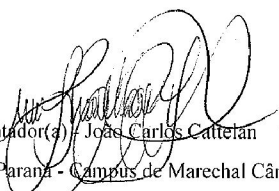
CDD 808.0014



**ISABELA KAROLINA GOMES FERREIRA OLIVEIRA**

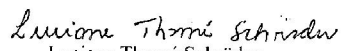
EX-GORDINHAS: UMA ALMA INDECISA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

  
Orientador(a) João Carlos Cattelan

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Pedro Luiz Navarro  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

  
Luciane Thomé Schröder

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 1 de março de 2018.

*Para a minha avó Dirce, por todos os sentidos e sentimentos.*

*(In memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, neste espaço, àqueles que, de uma forma ou outra, ajudaram-me a trilhar este percurso. Pessoas que me incentivaram, apoiaram-me e me ensinaram. Sendo assim, agradeço:

Primeiramente a Deus, que rege a minha vida em todas as instâncias.

À minha família amada, a maior incentivadora da minha vida e dos meus sonhos.

Ao meu professor e orientador, João Carlos Cattelan, a quem devo a realização deste estudo. Sou grata pela confiança depositada em mim e no *corpus* de pesquisa; pela forma como abordou os pressupostos teóricos da Análise de Discurso em sala, tornando-os mais didáticos e “palpáveis”; pelas orientações que tanto me ensinaram e me motivaram a continuar; pelas leituras atentas e cuidadosas que fez do texto, certamente elas fizeram com que essa dissertação crescesse, resultando no estudo aqui apresentado. Você é exemplo de professor responsável, dedicado e comprometido com a pesquisa.

À professora e orientadora durante a graduação, Luciane Thomé Schröder. Foi ela quem me apresentou a Análise de Discurso e, desde então, acompanha atenciosamente cada degrau de minha vida acadêmica. Seus ensinamentos e orientações contribuíram para que eu pudesse iniciar essa jornada. Também devo, sem dúvidas, a realização desta pesquisa para você, que plantou a semente para que, hoje, ‘colhêssemos’ mais um fruto.

Aos professores, Alexandre Sebastião Ferrari Soares, Dantielli Assumpção Garcia e Pedro Luiz Navarro. Agradeço-lhes as leituras, reflexões e sugestões que fizeram sobre/para esta pesquisa.

Às amigas que a vida meu deu: Andressa Reis Oliveira, Bárbara Nathalia Ferreira, Chrystine Kanitz, Érica Gabriela Moreira, Izabela Caroline Moreira, Júlia Carolina Frasson de Lima, Laira Gabriela Mussi, Letícia Furlan Alberto da Silva, Paula Francielle Becker e Vanessa Arantes. Agradeço-lhes pelo apoio dado em todos os momentos, principalmente, nos mais difíceis; pelo incentivo; pelas risadas e pela amizade de sempre.

Às amigas que o Mestrado me presenteou e que tornaram esta caminhada mais leve e divertida. Vocês foram apoio na ansiedade, incentivo na fraqueza e

alegria em cada etapa vencida. Agradeço, imensamente, a amizade construída: Aline Luane Fantinel, Andressa Almeida, Ana Paula Picagevicz e Simone Santos.

À Capes pela concessão da bolsa de estudo: auxílio que me propiciou dedicação exclusiva ao Mestrado e a escritura da dissertação.

*Meu corpo é às vezes meu, uma vez que ele porta os traços de uma história que me é própria, de uma sensibilidade que é minha, mas ele contém, também, uma dimensão que me escapa radicalmente e que o reenvia ao simbolismo de minha sociedade.*

*Antonin Artaud*



OLIVEIRA, ISABELA KAROLINA GOMES FERREIRA. "EX-GORDINHAS: Uma Alma Indecisa. 2018. (79 f.). Dissertação (Mestrado em estudos da Linguagem) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de refletir sobre a problemática relativa ao culto do corpo que sobrepaira, impositivamente, sobre o universo feminino. Para isso, com base no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso de orientação francesa, em termos de dados empíricos de observação, o estudo se vale de Sequências Discursivas (SDs) retiradas de depoimentos de "ex-gordinhas" publicados pela revista *Women's Health Brasil*. Como objetivos específicos, procura-se: 1) Investigar a suposta relação de consequência "lógica" criada pela revista entre a posse de um corpo "gordo" e o sofrimento de certas "desvantagens", 2) Analisar a suposta relação de consequência "lógica" criada por ela entre a "conquista" de um corpo magro e o alcance de determinados "benefícios" e 3) Verificar qual é o posicionamento das "ex-gordinhas" em relação ao seu corpo antigo/atual e, mais polemicamente: busca-se perceber até que ponto as "ex-gordinhas" assumem, de fato, o discurso de que se dizem porta-vozes. Os capítulos de análises têm como intuito contemplar esses objetivos. Assim sendo, no primeiro, busca-se mostrar como o corpo gordo é discursivizado pelas depoentes e se pode perceber que as afirmações delas corroboram para uma leitura de viés depreciativo, demeritório e pejorativo. Em contrapartida, no segundo, verifica-se que o corpo magro discursivizado pelas "ex-gordinhas" recebe outro sentido, uma vez que é caracterizado como positivo e benéfico. Por fim, no último capítulo de análise, objetiva-se perceber até que ponto os discursos a respeito do corpo magro e do corpo gordo são efetivamente assumidos por elas, uma vez que há marcas de um ritual que falha em termos de atender à previsibilidade discursiva. Neste capítulo, em especial, evidencia-se como o corpo feminino é submetido a uma indústria imperativa (ou propagadora) da magreza que influi, diretamente, sobre as mulheres e a sua corporalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso. Corpo. Ex-gordinhas. Depoimentos. Indústria da Magreza.

OLIVEIRA, ISABELA KAROLINA GOMES FERREIRA. "EX-CHUBBY: An Indecisive Soul. 2018. (79 f.). Dissertação (Mestrado em estudos da Linguagem) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

## ABSTRACT

This research has the objective of reflecting on the problematic related to the cult of the body that hangs, impositively, on the feminine universe. For this, based on the theoretical-methodological advice of the French-Speech Discourse Analysis, in terms of empirical observation data, the study draws on Discursive Sequences (DSs) from ex-chubby testimonials published by Women's Health Brazil magazine. As specific objectives, we seek to: 1) Investigate the alleged relationship of "logical" consequence created by the magazine between the possession of a "fat" body and the suffering of certain "disadvantages", 2) To analyze the supposed "logical" consequence relation created by it between the "conquest" of a lean body and the attainment of certain "benefits"? and 3) To verify the position of the "ex-chubby" in relation to its old/current body and, more polemically: it is sought to understand the extent to which the "ex-chubby" in fact assume the discourse they say spokespersons. The chapters of analysis are intended to contemplate these questions. Therefore, in the first one, it is sought to show how the fat body is discursive by the deponents and one can perceive that the affirmations of them corroborate a reading of derogatory, demeritory and pejorative bias. On the other hand, in the second, it is verified that the lean body discursed by the "ex-chubby" receives another sense, since it is characterized as positive and beneficial. Finally, in the last chapter of the analysis, the objective is to understand to what extent the discourses about the lean body and the fat body are affectively assumed by them, since there are marks of a ritual that fails in terms of attending discursive predictability. In this chapter, in particular, it is evident how the female body is subjected to an imperative (or propagating) industry of thinness that directly affects women and their corporeality.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis. Body. Ex-chubby. Testimonials. Industry of Thinness.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA E O <i>CORPUS</i> .....	12
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>19</b>
2.1 NEM FORMALISTA, NEM FUNCIONALISTA: MATERIALISTA – A ANÁLISE DE DISCURSO NO LUGAR DO ‘ENTREMEIO’ .....	19
2.2 GESTOS DE RUPTURAS E DESLOCAMENTOS: A (RE)TERRITORIALIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO .....	19
2.3 FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA: AS DETERMINAÇÕES QUE PESAM SOBRE OS SUJEITOS E OS SEUS CORPOS ..	24
2.4 O DISCURSO TRANSVERSO E O PRÉ-CONSTRUÍDO: ATRAVESSAMENTOS IDEOLÓGICOS NA CONCEPÇÃO DO CORPO “IDEAL” .....	28
<b>3 O CORPO QUE ‘FOGE’ AO PADRÃO: EM ANÁLISE, O CORPO GORDO .....</b>	<b>37</b>
<b>4 O MODELO CORPORAL SOCIALMENTE ELEITO: EM ANÁLISE, O CORPO MAGRO.....</b>	<b>46</b>
<b>5 “EX-GORDINHAS”: UMA ALMA INDECISA .....</b>	<b>55</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*A ideologia, como sabemos, na perspectiva discursiva, é uma prática e esta prática envolve, afeta e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito (ORLANDI, 2012).*

### 1.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA E O CORPUS

Considerando que a escolha do tema “nasce”, na maioria das vezes, de algo que incomoda o analista de discurso, fruto de inquietações da vida cotidiana ou de preocupações sociais, esta pesquisa busca problematizar e refletir sobre o padrão corporal que sobrepaira o público feminino, pois se parte do princípio de que “o corpo na cultura atual possui especificidades na forma como é percebido esteticamente” (NOVAES, 2013, p. 51). Assim, entende-se que apenas um modelo de corpo passou a receber valorização social; os que não atendem ao padrão estabelecido parecem ser “convidados” a experimentar os mais variados dissabores. Deste modo, percebe-se que o corpo feminino é colocado diariamente em holofotes e, em razão disto, as mulheres “brigam” com o espelho e com a balança para atender ao corpo cultuado e exibido, insistentemente, nos meios de comunicação.

A mídia, de modo geral, se interessa em dar visibilidade ao assunto. As propagandas, os *outdoors*, os comerciais televisivos disseminam textos verbais e imagéticos que reforçam a “importância” de seguir um padrão corporal específico. Há, atualmente, revistas que se encarregam do “cuidado” do corpo; as reportagens e, claro, as capas exibem, a cada nova edição, corpos idealizados. A respeito disto, Scalzo (2006, p. 62) afirma que a capa da revista “precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor”. *Slogans* e manchetes persuasivas também fazem parte do “pacote” de beleza, que objetiva mostrar para a mulher o corpo que ela deve ter, caso queira seguir as práticas estéticas e corporais disseminadas socialmente. Para exemplificação deste tema, observem-se os enunciados transcritos abaixo, pertencentes às capas da revista de onde o corpus foi retirado:

- a) Fique linda e definida: com o circuito rápido para a perda de

- peso.<sup>1</sup>
- b) Corpo de verão (comece já, dá tempo): pernas lindas, corpo torneado, barriga de atleta e receitas saudáveis.<sup>2</sup>
  - c) Corpo mais durinho com apenas 4 exercícios: treino de bumbum para definir curvas.<sup>3</sup>
  - d) Magra e saudável com pouco esforço: circuito *relax* de 30 minutos.<sup>4</sup>

Pode-se perceber, por meio dos excertos, que há um culto ao corpo magro. Os discursos sobre ele atrelam este modelo ao que é “bom” e “belo” e, por consequência, “saudável”. Em contrapartida, o corpo gordo ocupa um outro lugar e está relacionado ao que é “indesejável” e “ruim”. Portanto, estar “em forma”, magra, malhada e “definida”, com ausência de barriga e músculos tonificados, é estar próxima do padrão ideal de corpo “perfeito”. Verifica-se, pois, que, enquanto o corpo magro é enaltecido, há um aprofundamento da desvalorização do corpo gordo, paralelamente ao aumento de expressões designando as barrigas julgadas belas porque são praticamente inexistentes (SANT’ANNA, 2014a).

Constata-se, assim, que o corpo feminino é posto em ‘xeque’; parece que ser magro se tornou produto de primeira necessidade e a porta de entrada para adquirir, por decorrência, “saúde” e “beleza” (SANT’ANNA, 2014b). Neste sentido, justifica-se a pertinência de uma discussão sobre o corpo, pois o(s) discurso(s) que o define(m) mostra(m)/implica(m) diretamente em algo que constitui a “natureza” feminina e a busca incessante por adequação aos “ideais” de beleza.

Nesta perspectiva, compreende-se que o corpo na contemporaneidade deve passar por um (re)modelamento para atender ao imperativo estético que, como se buscará demonstrar, está atrelado, sobretudo, a motivações mercadológicas. Assim, entendem-se as palavras de Castro (2017, p. 03, grifos do autor), ao mencionar que o sujeito é conduzido a “tomar pra si a responsabilidade de *desenhar* seu próprio corpo”. Diante disto, Sant’Anna (2014b) aponta que o Brasil ocupa um lugar de destaque no *ranking* mundial de cirurgias plásticas. Como exemplificação, a

---

<sup>1</sup> Revista *Women’s Health Brasil*. Matéria de Capa. Editora Abril, publicação realizada no mês de maio de 2017, edição nº 95.

<sup>2</sup> Revista *Women’s Health Brasil*. Matéria de Capa. Editora Abril, publicação realizada no mês de Outubro de 2015, edição nº 36.

<sup>3</sup> Revista *Women’s Health Brasil*. Matéria de Capa. Editora Abril, publicação realizada no mês de Junho de 2017, edição nº 94.

<sup>4</sup> Revista *Women’s Health Brasil*. Matéria de Capa. Editora Abril, publicação realizada no mês de Novembro de 2016, edição nº 87.

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica<sup>5</sup> (SBCP) informa que o Brasil é o segundo (2º) país do mundo que mais realiza intervenções cirúrgicas, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Com base nos índices da SBCP, a lipoaspiração é o procedimento mais comum, seguido de implantes de próteses de silicone nas mamas. O motivo de os sujeitos se submeterem a estes processos é, na maioria das vezes, a busca pela transformação corporal. Ainda nas palavras da autora,

Essa mudança não teve efeito apenas dentro dos orçamentos femininos. *Ela complicou as maneiras de ver e examinar a própria imagem, ampliando o direito de intervir no desenho dos corpos* (SANT'ANNA, 2014b, p. 17, grifos nossos).

Pode-se, pois, observar que o objetivo dessas iniciativas é a busca incessante de atender ao modelo de corpo tido como “ideal”, que não significa exatamente um corpo “saudável”, mas abrange outras questões; como este trabalho mostrará. Com base nisto, pode-se dizer que o corpo passou a ser objeto de investimento, pelo fato de que a publicidade desenfreada do *corpo esculpido, magro, esbelto e torneado* provoca o desejo de conquistá-lo: a qualquer custo.

Para a realização desta pesquisa, foi feito um levantamento de trabalhos e se constatou que muitos deles têm o corpo feminino como objeto de estudo; ele vem sendo significado por diversas áreas do conhecimento como, por exemplo, a Antropologia, a Psicologia e a História. Deste modo, passa-se, ainda que brevemente, a citar alguns desses trabalhos, que, de determinado modo, contribuiram para as reflexões sobre a corporalidade.

Berger<sup>6</sup> (2006) realizou um estudo (antropológico e de viés qualitativo/quantitativo) sobre o corpo feminino tido como modelo “ideal”. Para isso, a autora selecionou depoimentos de setenta (70) mulheres do meio urbano que se exercitam todos os dias, procurando um corpo específico. Na percepção destas mulheres, é crucial que façam isso para que se sintam inseridas socialmente. Os resultados obtidos revelam dados dignos de nota, uma vez que aproximadamente 63,75% das entrevistadas elegeram o *corpo magro, malhado e torneado* como o representante da “perfeição”, reafirmando, assim, a existência de um padrão a ser seguido pelo público feminino.

<sup>5</sup> As informações foram retiradas do site da Associação Brasileira de Cirurgia Plástica: [www.cirurgiaplastica.org.br](http://www.cirurgiaplastica.org.br).

<sup>6</sup> BERGER, M. **Corpo e Identidade Feminina**. 2006. 312 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Souza<sup>7</sup> (2007) também vem ao encontro desta problemática, uma vez que discute a incessante busca das mulheres por cirurgias plásticas para “conquistar” um corpo “perfeito”. Fundamentada na prática Psicanalítica, principalmente, em Freud e Lacan, a autora selecionou como *corpus* de análise os depoimentos de três (03) mulheres que já passaram por algum tipo de intervenção cirúrgica. Por meio das discussões realizadas, verificou-se que elas manifestam, mesmo que inconscientemente, o desejo de atender a esse ideal estético. Foi possível constatar também que essas mulheres revelam *um grande prazer em investir para obter esse corpo desejado e, por outro lado, uma inquietação por nunca estarem satisfeitas*. Para essas mulheres, a condição feminina parece estar imbricada com as formas do corpo.

Por fim, cita-se a pesquisa de Trinca<sup>8</sup> (2008), que objetivou apreender, por meio de uma análise Histórico-Social, o desenvolvimento do fenômeno do culto ao corpo e da aparência, tendo em vista as práticas cotidianas da cultura do consumo. A autora desenvolveu uma reflexão acerca da supremacia da aparência física no contexto sociocultural do capitalismo pós anos 60, priorizando os processos sociais, econômicos e culturais que, historicamente, aprofundaram a importância dirigida ao corpo e intensificaram a sua exploração comercial. Ao final de sua dissertação, a pesquisadora concluiu que *o corpo não é construído somente por fatores biológicos, mas também em sua relação com o meio sociocultural*.

Diante disso, faz-se necessário ponderar que este estudo, de viés qualitativo, também se destina a investigar o corpo feminino. Contudo, a fundamentação teórica que o subsidia é a Análise de Discurso de linha francesa (doravante, AD). Trabalhar sob uma perspectiva discursiva leva a compreender que, por meio da língua em funcionamento, pode-se verificar as problemáticas ideológicas, mercadológicas e socioculturais que atravessam e constituem os sujeitos e os seus corpos: é o que se pretende evidenciar por meio do material em análise.

Para a realização do trabalho, foram recortadas *Sequências Discursivas* (doravante, SD) de depoimentos de mulheres publicados na revista *Women's Health*

---

<sup>7</sup> SOUZA, K. **O feminino na estética do corpo**: uma leitura psicanalítica. 2007. 184 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

<sup>8</sup> TRINCA, T. **O corpo-imagem na cultura de consumo**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

*Brasil*<sup>9</sup>, entre os anos de 2013 a 2017, como parte representativa de uma Formação Discursiva (doravante, FD) dominante sobre o corpo “ideal” moderno. Escolheu-se este magazine por se tratar de uma mídia de alcance nacional; a sua relevância pode ser atestada pelo fato de que atinge um público considerável, uma vez que sua assinatura é mensal e circula socialmente em diversas instâncias, como consultórios médicos, odontológicos, salões de beleza, clínicas de estética e academias. Assim, compreende-se que, ao investigá-la, pode-se constatar o modelo corporal que ela dissemina, entendendo que a revista é um veículo formador de “opinião”.

A escolha desse *corpus* foi conduzida pelo fato de que, dentre o conjunto de matérias com dicas e instruções de combate à gordura (receitas, dietas, exercícios físicos e *fitness*, para citar alguns), chamou atenção a presença de uma seção *exclusiva de depoimentos* de mulheres que estavam ou se consideravam “acima do peso” e perderam os quilos “extras”; a provocação se deu pela relação estabelecida entre perder peso e, conseqüentemente, obter determinadas “vantagens”<sup>10</sup>.

É possível verificar – conforme as análises mostrarão – que os depoimentos reproduzem, em tese, este repertório: enquanto mulher “acima” do peso, o sujeito se sentia infeliz, mas, após perder os “quilos a mais”, a sua vida melhorou. Entende-se que essas mulheres mudam o corpo e, por isto, teoricamente “transformam” as suas vidas. No espaço que lhes é destinado, elas relatam as desventuras de ser gordo e as satisfações advindas do corpo magro e esbelto, que lhes proporciona, supostamente, uma vida de realizações e prazeres.

Os depoimentos (e seus silêncios) mostram a relação conflituosa existente entre *bem-estar* e *beleza*, uma vez que, para além de um discurso como “emagreci pela minha saúde e bem-estar”, outros discursos emergem, revelando, mesmo que de forma inconsciente, o maior “problema”: a insatisfação pelo não atendimento ao modelo de beleza. Neste contexto, constata-se que o ponto crucial que incomodava as mulheres não era a relação entre gordura e saúde (que apenas mascara um real), mas gordura e estética.

Com base nestes apontamentos, este estudo tem como objetivo geral analisar os depoimentos de mulheres que emagreceram (mudaram de um manequim maior

---

<sup>9</sup> A revista *Women's Health Brasil* é direcionada exclusivamente ao público feminino. Trata-se de uma publicação da editora Abril; sua primeira edição no Brasil se deu em 2008. Porém, a revista já circulava em outros países a partir de uma parceria entre a editora Abril e a editora *Rodale* dos Estados Unidos.

<sup>10</sup> É cabível ressaltar que, neste trabalho, a palavra ‘vantagens’ corresponde aos supostos ‘benefícios’ que um corpo dentro do ‘padrão’ pode gerar aos seus portadores.



para um menor) e que foram publicados pela revista *Women's Health Brasil*. Como objetivos específicos, procura-se: 1) Investigar a suposta relação de consequência “lógica” criada pela revista entre a posse de um corpo “gordo” e o sofrimento de certas “desvantagens”; 2) Analisar a suposta relação de consequência “lógica” criada por ela entre a “conquista” de um corpo magro e o alcance de determinados “benefícios” e 3) Verificar qual o posicionamento das “ex-gordinhas” com relação ao corpo antigo/atual e, mais polemicamente: busca-se perceber até que ponto as “ex-gordinhas” assumem, de fato, o discurso de que se dizem porta-vozes.

A partir do aporte teórico da AD, procura-se refletir sobre a constituição do discurso sobre o corpo “saudável” como gerador de felicidade (sucesso, autoestima, beleza, entre outros “benefícios”) e sobre o corpo “doente”, ou seja, aquele que não atende ao padrão de beleza determinado. Busca-se, pois, problematizar os enunciados presentes nos depoimentos das “ex-gordinhas”, publicados na revista, como reveladores do funcionamento da sociedade, no sentido de que (re)produzem valores ideologicamente determinados por padrões de beleza socioculturalmente instituídos. Assim, parte-se do pressuposto de que há uma indústria da magreza que gera, ou pelo menos propaga, discursos que elevam o *status* da boa forma ao passo que denigre – de modo pejorativo – os sujeitos que não atendem ao perfil do corpo magro. Sobre este tema, Orlandi (1996, p. 96) afirma que

A mídia é um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem. Enquanto tal, ela é um acontecimento de linguagem que impõe sua forma de gerenciamento dos gestos de interpretação, sempre na distinção do que se deve aprender como sentido unívoco (literal).

Em vista disso, há que considerar o poder que a mídia exerce na constituição dos sujeitos e de seus corpos. A revista *Women's Health Brasil* pode ser tida como um suporte desta indústria, uma vez que influencia, diretamente, na relação entre os sujeitos leitores e os seus corpos e incute que ser belo/bonito é seguir o padrão “magro”, é não ser “obeso” e exibir músculos torneados: na medida “perfeita”. Desta forma, a revista constrói um imaginário sobre o bem-estar e a beleza, reafirmando, mesmo que não o deseje, o quanto os sujeitos estão presos aos ditames sociais e à “lógica” de consumo do sistema capitalista.

Para orientação do leitor, a organização desta dissertação está apresentada do seguinte modo: inicialmente, tem-se a “Introdução”, que objetiva abordar a

questão do 'incômodo', ou seja, o elemento que suscitou as reflexões que guiam este estudo e determinou a forma de recorte do *corpus* selecionado para a análise.

Depois, o capítulo "Pressupostos Teóricos: nem formalista, nem funcionalista: materialista – a Análise de Discurso no lugar do 'entremeio'", procura delinear um panorama geral da AD. A seguir, na seção "Gestos de rupturas e deslocamentos: a (re)territorialização da Análise de Discurso", trata-se do quadro epistemológico da AD, atentando para as críticas, as rupturas e os deslocamentos feitos por Pêcheux para instaurar a teoria materialista da linguagem. Após, em "Formação Discursiva e Formação Ideológica: as determinações que pesam sobre os sujeitos e os seus corpos", procura-se abordar a relação entre linguagem e ideologia, buscando explicitar como os sujeitos, os sentidos e a língua são constituídos ideologicamente. A seguir, em "O Discurso Transverso e o Pré-Construído: atravessamentos ideológicos na concepção do corpo 'ideal'", busca-se evidenciar como o discurso é previamente determinado pelas forças ideológicas.

Após, seguem os capítulos de análise. Em "O corpo que 'foge' ao padrão: em análise, o corpo gordo", busca-se evidenciar como este corpo é construído pelas depoentes. Na sequência, em "O modelo corporal socialmente eleito: em análise, o corpo magro", objetiva-se perceber como o corpo magro é discursivizado pelas "ex-gordinhas". Em seguida, em "Ex-gordinhas: uma alma<sup>11</sup> insegura", busca-se perceber até que ponto o discurso materializado pelas depoentes é, de fato, assumido, uma vez que ele possui marcas de um ritual que falha em termos de atender à previsibilidade discursiva, evidenciando, deste modo, a **indecisão** que perpassa essas mulheres e os seus corpos. Por fim, apresentam-se as considerações finais sobre o tema.

---

<sup>11</sup> Cabe mencionar que a concepção de alma assumida nesta dissertação não tem relação com aquela que prega o Discurso Religioso Católico, mas sim, com a noção estabelecida por Foucault (2009) em sua obra *Vigiar e Punir*, em que o filósofo considera que a alma é 'resultado' de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação, ou seja, trata-se de uma alma 'afetada' pelas formas de poder.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

*A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de ruptura a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise (FERREIRA, 2005).*

### 2.1 NEM FORMALISTA, NEM FUNCIONALISTA: MATERIALISTA – A ANÁLISE DE DISCURSO NO LUGAR DO ‘ENTREMEIO’

Como dito anteriormente, a fundamentação teórico-metodológica deste estudo segue os princípios da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Assim, faz-se necessário situar o seu quadro epistemológico, considerando os deslocamentos e as rupturas realizadas pelo filósofo ao qual se atribui a “paternidade” da teoria. Deve-se elucidar que a teoria do discurso originou-se na França, na década de 1960 do século XX, cujo principal representante é Michel Pêcheux. Vale ressaltar, ainda, que as referências desta época se pautavam, sobretudo, na área das Ciências Sociais, da Psicologia Social e da Linguística (PÊCHEUX, 2016).

Era no campo dessas regiões teóricas e, sobretudo, em suas contradições que Pêcheux pressentia a importância de instaurar o seu objeto de estudo: o discurso. Interessado em buscar compreender a história da ciência da linguagem, o filósofo procurava propor outros caminhos e formas de pensar e conceber o estudo da língua. De acordo com Henry (1993), Pêcheux objetivava abrir uma fissura teórica e científica no estudo da linguagem e, assim, garantir um entre-lugar para a Análise de Discurso, visualizando-a como “um entrecruzamento da língua, do sujeito, da sociedade e da história” (GREGOLIN, 2005, p. 99).

Com base nessas ponderações, discorre-se, a seguir, sobre a instituição da AD, buscando evidenciar as ressalvas realizadas por Pêcheux no que tange as suas escolhas e filiações teóricas.

### 2.2 GESTOS DE RUPTURAS E DESLOCAMENTOS: A (RE)TERRITORIALIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO

De acordo com Orlandi (1999), há várias maneiras de estudar a língua e foi pensando nisto que os estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de um

modo particular, o que deu origem à Análise de Discurso. A AD, como o próprio nome sugere, “não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso”. (ORLANDI, 1999, p. 15). Partindo deste pressuposto, faz-se necessário compreender o percurso que Pêcheux realizou para instituir a teoria materialista da linguagem, caminho este marcado por rupturas, críticas, reflexões e deslocamentos.

Como se observa, o autor criticava as ciências de prestígio da época; por esta razão, seus primeiros textos eram assinados com o pseudônimo de Thomas Herbet, que, em 1966, começou a refletir sobre a situação teórica das Ciências Sociais, da Psicologia Social e da Linguística. Conforme aponta Maldié (2003, p. 11),

Era pensando essas regiões do conhecimento, colocando questões delas para elas mesmas, que ele ia estabelecendo um novo território de conhecimento da linguagem, da história (e do sentido), do sujeito.

Nesta perspectiva, faz-se necessário ponderar que Pêcheux questionava: I) as Ciências Sociais por considerar a língua como transparente; II) a Psicologia Social por recalcar a noção do inconsciente e, por fim, III) a Linguística pela parte social da linguagem até então encoberta pelos estudos estruturalistas.

Para Pêcheux (2016, p. 288), “o projeto da análise do discurso marca uma ruptura com esta problemática psicossocial, pela qual o triplo registro da história, da língua e do inconsciente permanece recalcado.” Diante disto, observa-se que ele clamava por questões deixadas à margem: a historicidade, o sujeito e a língua.

Uma das principais críticas de Pêcheux às Ciências Sociais foi com relação à defesa da transparência da linguagem. Para o autor, ela não poderia ser considerada como unívoca/literal, pois as palavras, as expressões e os textos só ganham sentido em relação com a exterioridade e a partir das formações discursivas de que emergem. A respeito disso o filósofo (2014a, p. 148, grifos do autor) enfatiza que: “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva”. Afirmar isto significa compreender que o sentido sempre pode ser outro, que ele é mutável. Assim, o autor propõe a opacidade da língua, considerando que ela tem história e incide sobre a constituição dos sentidos.

A Psicologia Social também foi alvo do filósofo, principalmente, por conceber o sujeito como consciente – “mestre em sua morada” – e que, em razão disto,

poderia controlar os sentidos do discurso. Em contraposição, Pêcheux evoca a psicanálise lacaniana para compor o seu quadro epistemológico. Ancorado nas (re)leituras de Freud realizadas por Lacan, bem como pela leitura althusseriana de Marx a respeito do materialismo histórico, ele propõe a existência de um sujeito submisso às formas de poder que o governam. Desta forma, trata-se de um indivíduo que é interpelado em sujeito pela ideologia e pelo inconsciente. O conceito de interpelação é definido pelo autor como

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar de *interpelação*, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 162, grifos do autor).

Diante disso, observa-se que o sujeito do discurso não se encontra na fonte do sentido. Tem-se, então, para a AD, que o sujeito é assujeitado, isto é, ele não é o dono de seu discurso, mas que é levado – sem que tenha consciência disso – a ocupar um lugar social e, a partir dele, enunciar o que é à priori determinado pelas *formações discursivas*<sup>12</sup> e *formações ideológicas* às quais ele pertence.

Em relação à abordagem da questão da linguagem e do simbólico pela Psicologia, Pêcheux *et al* (2016) criticam o enfoque dado na perspectiva da lógica e da biologia. As visões fomentadas pautavam-se na tese do inatismo, representada por Chomsky, e a do construtivismo, cujo representante é Piaget. Para Pêcheux *et al* (2016), essas concepções supõem uma visão reducionista que concebia a linguagem como um substrato lógico, cognitivo, neurológico inato ou adquirido.

Especificadamente sobre os estudos piagetianos, Pêcheux *et al* (2016) consideram que Piaget reconhece a função simbólica, mas não a relaciona à linguagem. Nesta acepção, o simbólico seria uma pré-condição para o seu acesso.

A partir disto, Pêcheux *et al* (2016) enfatizam que ambas as teorias desconsideravam o real da língua. Para os autores, é preciso ponderar que a língua tem história, memória e antecede o sujeito. Em suas palavras, ela é “um sistema de regras *atravessado* de falhas” (PÊCHEUX, 2016, p. 65, grifos nossos).

---

<sup>12</sup> Cabe mencionar que os conceitos de Formação Discursiva e Formação Ideológica serão abordados detalhadamente na seção que segue.

Ainda no que diz respeito às rupturas, pode-se dizer que Pêcheux rompe com o movimento em voga na França na década de 1960: o estruturalismo. De acordo com Gadet *et al* (2014, p. 41), Pêcheux revelou “uma grande familiaridade com os textos de Saussure,<sup>13</sup> uma leitura informada, inteligente e pessoal”, que o fez propor alguns deslocamentos teóricos. Nesse sentido, encontram-se, em seus estudos, críticas ao modo como o estruturalismo sobrepõe a estrutura (o sistema da língua) ao sujeito do discurso. No entanto, o filósofo se propôs a refletir sobre as questões ideológicas que atravessam o discurso. Nas palavras do autor, “A instituição da AD exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito” (PÊCHEUX, 1990, p.105).

Os estudos de Pêcheux evidenciavam que, na conjuntura estruturalista, a língua é concebida como um objeto científico homogêneo, regida por normas e organizada em um sistema estrutural. Logo, ela não se cria na relação funcional com o mundo, mas em relação à estrutura interna. Contudo, o estudioso enfatiza que

o deslocamento conceptual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: *a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um sistema, deixa de ser compreendida como tendo função de exprimir sentidos* (PÊCHEUX, 1990, p. 62, grifos nossos).

Deste modo, o autor enfatiza que se deve considerar o sujeito que se manifesta por meio da língua(gem), estabelecendo uma relação de completude entre a língua e a sua função extralinguística, entre a linguística e uma teoria do discurso, pois, para o autor,

uma linguística Saussuriana, uma linguística da língua, não seria o suficiente; só uma teoria do discurso, concebido como um lugar teórico para o qual convergem componentes linguísticos e sócio-ideológicos poderia acolher este projeto (PÊCHEUX, 1990, p.105).

Com base no exposto, Pêcheux propõe “uma mudança de terreno que faça intervir conceitos exteriores à região da linguística atual” (PÊCHEUX, 1990, p.72). Nesse contexto, foi, fundamentalmente, através das críticas do filósofo aos estudos

---

<sup>13</sup> Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um linguista e filósofo suíço, cujas contribuições teóricas proporcionaram o desenvolvimento do estudo da língua. Sua obra póstuma intitulada *Curso de Linguística Geral* o fez ser considerado o “pai” da Linguística Moderna e do Estruturalismo.

estruturalistas que nasceu a AD.

Pode-se observar que a preocupação do autor se pautava na parte menos desenvolvida dos estudos de Saussure: a fala, uma vez que ele contesta que esta não é livre/espontânea, conforme apontou o filósofo suíço. Ao contrário, ela é influenciada por procedimentos coercitivos que regram/controlam o dizer (FOUCAULT, 1996). Nessa perspectiva, o interesse de Pêcheux se baseava em buscar compreender a língua(gem) em funcionamento, considerando que é por meio dela que a ideologia se materializa, isto é, é na/pela língua que se pode perceber a materialização dos processos ideológicos presentes nos discursos.

Em consonância com estes postulados, verifica-se que, “Na análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 1999, p. 15). Nesse tipo de estudo, evidencia-se o homem falando e sua capacidade de se significar por meio de seus discursos. Assim, Pêcheux (1990, p. 82) lança mão do conceito de *discurso*, definindo-o como “efeito de sentido entre locutores”. De acordo com o filósofo, o discurso é uma fala regrada por condições de produção específicas que preestabelecem os sentidos do dizer.

A partir destas considerações, ele instaura a sua teoria baseado numa tríplice aliança, constituída pelas seguintes áreas do conhecimento:

- 1) o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
- 2) a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
- 3) a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p.163).

Os estudiosos do discurso salientam, ainda, que convém explicitar que estas três regiões são atravessadas por uma teoria de natureza psicanalítica (PÊCHEUX; FUCHS, 2014). Pode-se dizer que Michel Pêcheux buscou refletir sobre a singularidade do sujeito na língua, bem como a articulação entre: a língua, a ideologia e o inconsciente (ORLANDI, 2012).

Tendo por base este panorama da AD, que orienta o olhar às questões fundamentais que a constitui, passa-se a refletir, na sequência, sobre os conceitos teóricos considerados centrais para este estudo, são eles: *Formação Discursiva*, *Formação Ideológica*, *Discurso Transverso* e *Pré-construído*. Optou-se por trabalhar

com essas noções, pois se entende que elas possibilitam compreender como o corpo está atrelado, sobretudo, a questões ideológicas.

### 2.3 FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA: AS DETERMINAÇÕES QUE PESAM SOBRE OS SUJEITOS E OS SEUS CORPOS

*Os sentidos não estão nas palavras. Estão aquém e além delas (ORLANDI, 1999).*

A partir das considerações tecidas, observa-se que a noção de ideologia é importante para Pêcheux, porque o filósofo francês toma como tese que ela possui uma relação estreita com a linguagem. Para Pêcheux e Fuchs (2014), o discurso é o “lugar” onde se pode perceber o processo de materialização das ideologias. Nesse sentido, entende-se a ideologia como condição necessária para a constituição não só da linguagem, mas também dos sujeitos e dos sentidos. Sendo assim, “o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 1999, p 42). Desta forma, pode-se dizer que os sentidos são determinados ideologicamente a partir das posições daqueles que a utilizam e que é na língua em funcionamento que se verifica a ideologia constituindo e atravessando os sujeitos, os discursos e os sentidos. Tem-se, portanto, que

O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir esta tese dizendo que: *as palavras, expressões, proposições etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* (PÊCHEUX, 2014a, p. 146 -147, grifos do autor).

Tendo por base este sumário, refletir-se-á, nesta seção, sobre dois conceitos relevantes para AD, a saber: *Formação Discursiva*<sup>14</sup> (doravante, FD) e *Formação Ideológica* (doravante, FI). Parte-se do princípio de que eles possibilitam pensar a relação entre discurso, sujeito e ideologia. Para isso, é preciso entender que esses

<sup>14</sup> Faz-se necessário salientar que a noção de Formação Discursiva foi proposta por Michel Foucault (2005) em sua obra *A Arqueologia do Saber*. Deste modo, pode-se dizer que Pêcheux reterritorializa este conceito à luz do Marxismo, relacionando-o ao discurso, à ideologia e à luta de classes.



conceitos estão imbricadas, pois se interligam, complementam-se e se constituem.

Passa-se, neste momento, além da busca de efetuar uma reflexão de ordem teórico-conceitual, a relacionar a teoria ao *corpus* em estudo. Considere-se, então, a *Sequência Discursiva* (doravante, SD) que segue:

SD 1: Quando gorda não sentia vontade de sair de casa, tinha vergonha da minha imagem, hoje eu sou mais feliz.<sup>15</sup>

Observa-se na SD que o sujeito aborda dois momentos distintos de sua vida: quando era gorda e, “hoje”, após perder peso. A expressão “*quando gorda*” remete ao tempo passado e relaciona esta forma física a problemas, como “falta de vontade de sair de casa”, entende-se que, principalmente, por não atender a um determinado modelo de corpo, o que pode ser constatado por meio do enunciado “tinha vergonha da minha imagem”. No entanto, com o uso do advérbio de tempo *hoje*, ocorre a passagem para outro tempo, em que a felicidade está atrelada à conquista de um corpo magro. É como se os quilos perdidos a deixasse “mais feliz”. O eixo ideológico de reflexão se pauta no ditame atual de que, para ser belo e, por conseguinte, ser feliz é preciso se aproximar de um ideal de corpo: o corpo magro mostrado e apresentado na imagética que circula a SD em estudo (SANT’ANNA, 2001).

Diante disso, conforme Indursky (2007), a noção de *sujeito* é convocada para agregar aos conceitos de FI e FD. Isso é possível, pois

os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÉCHEUX, 2014a, p. 147, grifos do autor).

Dito de outro modo, o indivíduo, interpelado pela ideologia, constitui-se como sujeito por se identificar com as “verdades” da FD em que se encontra inserido, materializando, no discurso, a FI que lhe corresponde (INDURSKY, 2007).

Retomando a SD em análise, percebe-se que a “ex-gordinha”, ocupando um lugar social já definido, (re)produz o discurso (de)marcado e condizente com a FD de que é porta-voz, considerando-se, como assumido na AD, que são as “formações discursivas que determinam *o que pode e deve ser dito* em uma dada conjuntura”

---

<sup>15</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 39 anos; altura: 1,60 m; peso antigo: 95 kg e peso atual: 60 kg.

(PÊCHEUX, 2014a, p.164, grifos nossos), de acordo com o lugar, a posição do sujeito e com a FI a qual ele pertence.

A definição canônica de FI se apresenta como um conjunto de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam a posições de classes em conflito uma com as outras (PÊCHEUX; FUCHS, 2014). Estes autores acrescentam, ainda, que as FIs se caracterizam por serem capazes de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica de uma formação social (PÊCHEUX; FUCHS, 2014). A partir disto, pode-se dizer que as FIs influenciam as FDs e estas, por sua vez, influenciam aquelas, pois elas

comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 164, grifos do autor).

Se, por um lado, as FIs representam um conjunto de ideologias em voga num determinado momento, por outro, uma FD diz respeito a um discurso que materializa uma FI (ORLANDI, 1999), ou seja, toda FD corresponde a uma FI e vice-versa. Assim, pode-se dizer que a “ex-gordinha”, inserida na FD que supervaloriza a beleza e a estética corporal, afirma o que está previsto, isto é, materializa no discurso os princípios criados/defendidos por uma FI e assumido por uma FD: “Por aí podemos perceber que as palavras não têm sentido nelas mesmas; elas derivam das formações discursivas em que se inscrevem” (ORLANDI, 1999, p. 43).

No caso da SD em análise, pode-se afirmar que há um princípio ideológico em jogo que dita que a mulher deve ser magra e, por consequência, desfrutar das “vantagens” de viver num corpo dentro do ‘padrão’; está subsumida nesta relação que o corpo magro gera não só a felicidade do sujeito, mas também lhe proporciona outros “benefícios”, como se pode constatar na SD abaixo:

SD 2: Hoje, autoestima, saúde e bom-humor são as minhas conquistas.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 32 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

Verifica-se que a SD2 vem ao encontro do que foi abordado na primeira SD. Nela, pode-se perceber a utilização do mesmo advérbio de tempo *hoje*, ingrediente que permite a criação do pressuposto de que houve duas fases da vida do sujeito: 1) uma, em que aparecem os “benefícios” atuais, como a autoestima, a saúde e o bom-humor e 2) outra que se encontra silenciada no enunciado, mas que remete ao tempo passado, isto é, quando a depoente era gorda, podendo-se inferir que, naquele momento, essas “conquistas” não faziam parte de sua vida.

Outro elemento que chama a atenção neste enunciado é o uso da expressão “são minhas conquistas” para se referir aos “benefícios” gerados pelo corpo magro. De acordo com o dicionário Aurélio (2010, p. 190), o verbo *conquistar* tem o efeito de “adquirir à força de trabalho, ou de grande esforço, de dedicação ou por mérito”. No contexto da SD2, a expressão reforça a felicidade de atingir o modelo do corpo magro, reiterado pelo discurso da revista *Women’s Health Brasil*. Entende-se que as “conquistas” mencionadas vão além da autoestima, saúde e bom-humor, pois se respaldam na problemática busca por se “enquadrar” socialmente.

Se o discurso em torno do corpo magro o caracteriza como capaz de gerar “benefícios” ao sujeito, percebe-se, em contrapartida, a manutenção do discurso oposto: o discurso da baixa-autoestima que se sustenta, fundamentalmente, pelo não atendimento ao padrão de beleza corporal dominante na sociedade. Nesta perspectiva, é possível constatar que a cada afirmação feita pelas “ex-gordinhas” em relação à felicidade de viver num corpo magro, outro discurso ganha força: o que atesta o “fracasso” das pessoas que não correspondem a este padrão.

Desse modo, o princípio ideológico do corpo magro como objeto de desejo corresponde uma FD, que, por meio de diferentes enunciados, formata a crença de que o corpo gordo é indesejável e capaz de desencadear frustrações, como, por exemplo, “ter vergonha da própria imagem” e “não sentir vontade de sair de casa”. Segundo Sant’Anna (2014a), foi depois do século XX que começaram a aparecer, com maior frequência, vários relatos pessoais expressando o “sofrimento” de viver num corpo que não atende ao padrão de beleza socialmente estabelecido. Por consequência, observa-se que a imagética do *ser gordo* é investida de sentidos negativos, uma vez que ele é caracterizado como sendo capaz de acarretar o descontentamento por estar em “desacordo” com a contemporaneidade e com os valores corporais nela enraizados.

Diante disto, pode-se observar que há uma “outra” percepção do corpo nas

SDs em estudo, ou seja, é a partir da transição/mudança do *corpo gordo* para o *corpo magro* que, supostamente, o sujeito transforma a sua vida. No passado, quando gorda, a mulher se sentia infeliz, mas, após perder os quilos “a mais”, a sua vida mudou: a tristeza deu lugar à felicidade, o mau-humor ao bom-humor e a baixa autoestima é substituída pela autoestima. Vê-se, assim, que o corpo do sujeito está atado a um corpo determinado social e ideologicamente; seguir o ‘padrão’ magro é motivo de ascensão, ao passo que não atendê-lo pode desencadear frustração. Em consonância com Orlandi (2012), o corpo é ‘resultado’ de uma atividade que é um processo de significação onde a ideologia trabalha e se materializa no discurso.

Com base nisto, constata-se que há um princípio ideológico que controla as SDs em análise e estabelece a relação de que o corpo magro é o ‘gerador’ do bem-estar físico e emocional. Assim, inseridas na FD que enaltece o corpo magro como o representante do belo, as “ex-gordinhas” só poderiam (re)produzir um discurso que viesse ao encontro dos princípios desta FD. As palavras usadas nas SDs não foram “escolhidas” de modo aleatório, mas foram determinadas ideologicamente. Desse modo, vê-se que os discursos e os sentidos que deles decorrem são predeterminados, ou seja, eles derivam da FI/FD em que o sujeito se insere. Nesta perspectiva, tratar-se-á, na sequência, sobre os conceitos de *Discurso Transverso* e *Pré-construído*, buscando explicitar o processo de substituição e de articulação de elementos (palavras, expressões, enunciados) que ocorre na FD em estudo.

#### 2.4 O DISCURSO TRANSVERSO E O PRÉ-CONSTRUÍDO: ATRAVESSAMENTOS IDEOLÓGICOS NA CONCEPÇÃO DO CORPO “IDEAL”

*Do ponto de vista teórico, tais dados mostram claramente que uma língua não é um código, ou, um corolário desta tese (POSSENTI, 2017).*

Como já mencionado, Pêcheux foi um leitor profícuo de Saussure; segundo Gadet *et al* (2014, p. 42), “os efeitos dessa convivência íntima podem ser sentidos na AD”. Como se sabe, a Linguística é um dos tripés da teoria e foi lendo Saussure que Pêcheux realizou remanejamentos para instaurá-la. Deste modo, objetiva-se, nesta seção, tentar traçar um paralelo entre os conceitos de *Sintagma/Paradigma*, oriundos da Linguística, e de *Discurso Transverso/Pré-construído*, assim como são compreendidos pela AD. Para isso, retomar-se-á o empreendimento do linguista suíço para compreender as possíveis (re)formulações de Pêcheux.

Entre as dicotomias formuladas por Saussure e pelos estudos estruturalistas, os conceitos de *sintagma* e *paradigma* são tidos como tendo a ‘responsabilidade’ de reger o processo organizacional da língua; por meio deles é que se poderia perceber como se dá o processo de encadeamento/articulação dos enunciados e de que modo ocorre a substituição de termos dentro da própria língua.

Quando se observam os recursos linguísticos dispostos em uma sequência como, por exemplo, em um enunciado, considera-se que cada um desses recursos mantém com os demais uma relação sintagmática que pode ser percebida a partir do encadeamento linear da sentença e de acordo com o sistema linguístico.

Para Saussure (1995), a esfera sintagmática se refere ao eixo horizontal de organização da língua, que possibilita o encadeamento linear das unidades do sistema; dito de outro modo, é por meio da linearização ou da sua sintagmatização que os recursos linguísticos podem ser observados quanto à união para a constituição das sentenças. Nas palavras do autor,

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de um encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas* (SAUSSURE, 1995, p. 142, grifos do autor).

Com base no exposto, percebe-se que Saussure procurou estabelecer o eixo sintagmático como aquele que é formado por elementos sucessivos, um após o outro, para formar um conjunto determinado de sentenças. Por sua vez, quando se observa a relação dos recursos linguísticos selecionados com aqueles que poderiam ocupar as mesmas posições na frase em que se manifestam, diz-se que cada um mantém com os demais uma relação paradigmática, ou seja, o paradigma se refere ao eixo vertical e diz respeito à substituição de termos ou expressões que poderiam ocupar o lugar de outra no sintagma. Sendo assim, verifica-se que a possibilidade de substituição de um termo por outro provém do trabalho seletivo sobre as escolhas paradigmáticas permitidas pela língua, enquanto que a sintagmatização tem como função organizar, articular, sequenciar e encadear os elementos selecionados entre si, produzindo, ao final, sintagmas, frases, sentenças e proposições. No caso abaixo,

SD 3: Saltei do manequim 44 para o manequim 36, hoje sou uma

mulher mais segura.<sup>17</sup>

O enunciado seria estudado pelos estruturalistas com o objetivo de verificar se as palavras escolhidas e encadeadas, uma após a outra, estão de acordo com a organização estrutural da língua. Para isso, considera-se que ela é um sistema autônomo regido por normas específicas. Nesse sentido, tem-se a perspectiva de estudá-la por si mesma e em sua estrutura interna, concebendo-a como um sistema linguístico que proporciona um conjunto de possibilidades combinatórias entre os elementos contidos na própria língua (SAUSSURE, 1995).

Entretanto, se, do ponto de vista estruturalista, é possível estudar a língua como um sistema estrutural<sup>18</sup> fechado sobre si mesmo, sendo um dos seus recursos a possibilidade de substituição paradigmática entre os elementos que a compõem, por outro, e neste momento se adentra ao terreno de reflexões e nos deslocamentos de Pêcheux com relação a Saussure, é possível assumir que as possibilidades de substituição não ocorrem apenas (ou nunca) por determinações linguísticas ou pelo domínio das suas normas internas, mas, fundamentalmente, por motivações ideológicas. Nesta perspectiva, é por meio da língua em funcionamento que se procura evidenciar como as “ex-gordinhas” materializam, no discurso, a FI/FD de que são suportes. Assim sendo, a língua não seria (apenas) organizada por meio de uma estrutura imanente, mas seria atravessada ideologicamente.

Contrariamente a Saussure, portanto, Pêcheux buscou explicitar, por meio do estudo do discurso, os modos como linguagem e ideologia se imbricam. Assumindo o ponto de vista de que a língua é a materialização de uma ideologia, o filósofo francês trabalha a organização do enunciado em termos de dois postulados: o *pré-construído* é definido como o “sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 2014a, p. 151) e que constitui, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina e que são reinscritos no seu discurso (PÊCHEUX, 2014a); por outro lado, é a *articulação* (ou o discurso transversal) “que constitui o sujeito em sua relação com o sentido” (PÊCHEUX, 2014a, p. 151, grifos do autor).

Sobre estes dois modos constituintes de organização do enunciado (o pré-

---

<sup>17</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 29 anos; altura: 1,57 m; peso antigo: 67 kg e peso atual: 54 kg.

<sup>18</sup> Enquanto, para Saussure, deve-se estudar a língua como um sistema, para Pêcheux, ela deve ser vista em funcionamento, porque se pode perceber o processo de materialização das ideologias.

construído e o discurso transverso/articulação), que se entende ser a forma outra de deslocar os conceitos de sintagma e paradigma, Pêcheux (2014a) assume que a produção de efeitos de sentido se estabelece por meio da possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma FD dada. Para ele, a substituição pode ocorrer de duas maneiras: a da *equivalência*, como possibilidade de substituição de elementos que possuem o mesmo sentido na FD considerada; e a da *implicação*, como possibilidade de substituição orientada, definida como uma relação tal que “a substituição  $A \rightarrow B$  não seja a mesma que a relação de substituição  $B \rightarrow A$ ” (PÊCHEUX, 2014a, p. 151).

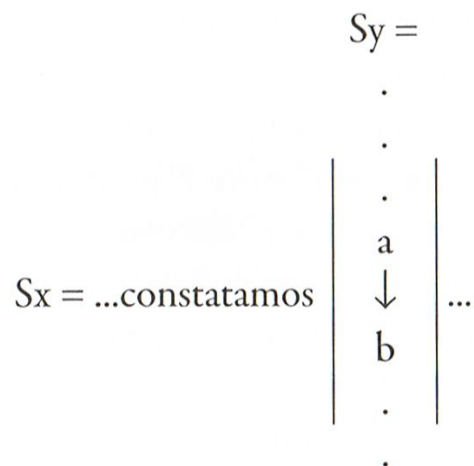
Para efeitos de exemplificação, considerem-se os seguintes pré-construídos: “O manequim 36” e “O manequim reiterado pelo discurso da revista *Women’s Health Brasil*”; que podem ser considerados, do ponto de vista discursivo, como estando em relação paradigmática, pois se observa que a relação entre eles se faz por meio de uma identidade não orientada; pode-se dizer que há entre os dois uma relação sinonímica (PÊCHEUX, 2014a). Sendo o caso de estar numa FD, o primeiro e o segundo sintagma são intercambiáveis paradigmaticamente e podem ocupar, sintagmaticamente, o mesmo lugar no enunciado, produzindo o mesmo efeito de sentido e sendo mutuamente equivalentes; paradigmaticamente, eles poderiam ser pinçados para ocupar o mesmo espaço. É neste sentido que se pode inferir que, entre o conceito de sintagma de Saussure e o de pré-construído de Pêcheux, há uma relação de deslocamento, pois o intercambiável que seria feito a partir de uma relação de imanência, é substituível para o segundo, em face de condições de produções determinadas por uma FD.

Sobre o discurso transverso, poder-se-ia mencionar o seguinte caso, em que se tem uma relação de substituição orientada: a) *Saltei* do manequim 44 para o manequim 36. Neste caso, “Vê-se que a relação entre os substituíveis, ao contrário, resulta de um encadeamento (ou de uma conexão) que não é uma relação de identidade” (PÊCHEUX, 2014a, p. 152). Nesta sequência, é possível constatar A/B. Em outros termos, o encadeamento do enunciado somente pode ser feito no sentido de atentar para a diminuição do tamanho do manequim usado, ou seja, a mudança deve ser feita obrigatoriamente no sentido decrescente, do maior para o menor, e não o contrário. Nesta FD, *saltar*, embora geralmente signifique elevar-se no ar ou subir alguns degraus, aqui é necessariamente um caminho para baixo: é um salto um tanto quanto paradoxal, uma vez que ele se faz ao inverso; mas, bem por se

fazer ao contrário, nesta FD, o salto é positivo.

Compreendem-se, pois, as palavras de Pêcheux de que “tudo se passa como se uma sequência Sy viesse a atravessar perpendicularmente a sequência Sx que contêm os substituíveis, *unido-as por um encadeamento necessário*” (PÊCHEUX, 2014a, p. 152, grifos nossos). O encadeamento/articulação do enunciado nunca poderia, neste caso, ser, por exemplo, “saltei do manequim 36 para o manequim 44”, a não ser que ele tivesse exatamente o objetivo de atentar para um aspecto negativo que tivesse ocorrido na vida da “ex-gordinha”.

No exemplo acima, “a sequência Sy, que pertence àquilo que chamaremos de *discurso transverso* de Sx, e que efetua um encadeamento entre a e b em Sx” (PÊCHEUX, 2014a, p. 152, grifos do autor), que o autor representa pelo esquema apresentado a seguir, poderia ser, por exemplo:



*Saltar* do manequim 44 para o 36

ou

*Ir* do manequim 44 para o 36

ou

*Reduzir* do manequim 44 para o 36,

mas nunca

*Saltar* do manequim 36 para o 44;

ou

*Ir* do manequim 36 para o 44;

ou

*Aumentar* do manequim 36 para o 44.



Como se pode verificar, há uma Sx exterior e orientadora que determina como o encadeamento pode/deve ser feito. Dentro de uma FD, como aquela que se acha em observação, os tamanhos de manequins comparados têm um polo positivo e outro negativo e nunca podem ser tomados ao contrário, a não ser que isso ocorra em termos de colocar sobre eles um acento crítico e pejorativo. É neste sentido que se entende a possibilidade de relação entre o conceito de *sintagma* de Saussure e de *discurso transverso* de Pêcheux, pois, enquanto para o primeiro, a linearização do texto ocorre a partir de regras combinatórias de natureza linguística, para o segundo, o que determina as opções de combinação sequencial é ditada por uma ordem de caráter discursivo e que, em última instância, é regado por padrões de cunho sociocultural e ideológico.

Assim, pode-se observar que, no caso da SD anterior, a *articulação* está em relação direta com o *discurso transverso*, uma vez que

a articulação [...] provém da linearização (ou sintagmatização) do discurso-transverso no eixo do que designaremos pela expressão *intradiscurso*, isto é, o funcionamento do discurso em relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse *antes* e ao que eu direi *depois*; portanto, o conjunto dos fenômenos de “co-referência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito) (PÊCHEUX, 2014a, p. 153, grifos do autor).

Vê-se, desta forma, com base no exemplo, que o

*discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita (PÊCHEUX, 2014a, p. 154, grifos do autor).

Com base no exposto, é preciso compreender que o discurso materializado pela “ex-gordinha” vem ao encontro dos princípios regidos por uma FD dominante na sociedade que dita o corpo magro como “ideal”. Assim, pode-se dizer que o discurso transverso, isto é, o enunciado elementar que rege a FD em estudo assume que “o corpo magro é bom e belo” e é esta sequência perpendicular que estabelece todas as articulações orientadas numa determinada direção e não outra.

Nessas condições, os pré-construídos<sup>19</sup> correspondem a cada palavra, termo ou expressão que vem tomar corpo na SD, sendo selecionados a partir de previsões que os fazem ocuparem um lugar determinado em relação aos outros, uma vez que o discurso transversal os determina e os coloca numa relação de articulação previamente coagida por forças ideológicas.

De acordo com Indursky (2013, p. 93), “o pré-construído funciona como elos invisíveis que conectam a discursividade”, ou seja, é o elo que possibilita encadear, no discurso, o linguístico com suas condições sócio-históricas e ideológicas.

Como se espera ter demonstrado acima, não seria possível a “ex-gordinha” (re)produzir um enunciado como “saltei do manequim 36 para o 44, hoje sou uma mulher mais segura”, pelo fato de estar inserida numa FD que toma o corpo magro como o corpo bom e belo. Os pré-construídos e o discurso transversal desta FD já se encontram determinados e, em razão disto, são permitidas determinadas inserções e/ou articulações e não outras. Por causa do discurso transversal (ou da sequência perpendicular) que orienta o discurso e do conjunto de pré-construídos que estão disponíveis, ela poderia formular enunciados, como:

- 1) Saltei do manequim 44 para o 36; hoje, sou uma mulher mais *feliz*.
- 2) Saltei do manequim 44 para o 36; hoje, sou uma mulher mais *saudável*.
- 3) Saltei do manequim 44 para o 36; hoje, sou uma mulher mais *bonita*.

Ela não poderia, de forma alguma, inverter os tamanhos e manter as mesmas consequências; se isso ocorresse, elas passariam imediatamente a ser negativas.

Como se vê, a “ex-gordinha”, determinada pelo discurso transversal da FD em que se encontra, só pode encadear os pré-construídos que tem à disposição de uma determinada forma; ela não pode refutar o manequim de corpo defendido pela FD de que é suporte ou rejeitar a submissão ao discurso da revista em estudo. A ela, cabe enunciar o que já foi previsto pelas forças ideológicas. No limite, ela só pode atrelar o corpo magro a “benefícios”, como segurança, autoestima, saúde, bom-humor,

---

<sup>19</sup> Entende-se que a noção de pré-construído pode se assemelhar à noção de paradigma. Ambos os conceitos tratam do encadeamento de palavras/recursos linguísticos num determinado enunciado. A diferença é que Saussure reflete sobre a substituição dentro de um sistema, porém Pêcheux vai além e relaciona essas substituições às determinações ideológicas, isto é, os sujeitos não “escolhem” de modo aleatório as palavras, as expressões, as proposições; o seu uso está relacionado às FDs em que esses sujeitos se inserem. Nesta perspectiva, pode-se dizer que os sujeitos, as palavras e os sentidos são determinados ideologicamente.

novas conquistas, melhora na relação com o marido, já que estes são os pré-construídos intercambiáveis discursivamente no eixo sintagmático e que são determinados a se combinarem a partir da força motriz da transversalidade que os rege e os faz se submeterem a determinadas relações de substituição orientada.

Após as ponderações realizadas até o momento, tem-se o objetivo, a seguir, de interligar os conceitos pormenorizados no decorrer do capítulo teórico a um recorte do *corpus*. Deste modo, retomar-se-ão as noções de FD, FI, pré-construído e discurso transverso, buscando demonstrar como elas possibilitam evidenciar as determinações ideológicas que atravessam os discursos, os sujeitos e os sentidos, especialmente, os depoimentos das “ex-gordinhas”, que constituem o arquivo textual estudado nesta dissertação. Para isso, considera-se a SD que segue:

SD 4: Atualmente, com o ponteiro nos 60 kg, ela comemora as novas amizades e a melhora na relação com o marido: Ele me valoriza mais e sente ciúme de mim.<sup>20</sup>

Pode-se observar que a SD4 aborda as “melhorias” ocorridas na vida da “ex-gordinha”. Nesse sentido, chama-se a atenção, mais uma vez, para o uso do advérbio de tempo *atualmente*, elemento utilizado para enfatizar que as “conquistas” como, por exemplo, “as novas amizades e a melhora na relação com o marido” são recentes. Nesta perspectiva, entende-se que foi a partir da conquista do corpo magro que os “benefícios”, supostamente, “surgiram”, o que revela que o discurso transverso que dita que corpo magro é o corpo bom e belo gerencia a relação ou a linearização de pré-construídos, como “novas amizades”, “melhora na relação com o marido”, “ele me valoriza mais” e “sente ciúme de mim”. É como se houvesse uma relação de consequência “lógica” entre a conquista de um corpo magro, “com o ponteiro nos 60 kg”, e o alcance de determinadas “vantagens”.

Diante disto, é possível compreender que o discurso materializado pela “ex-gordinha” “ganha sentido porque deriva de um jogo definido” (ORLANDI, 1999, p. 63), por uma FI, de acordo com a qual a “ex-gordinha” ocupando um lugar social previamente determinado somente pode (re)produzir, por meio de uma FD, o discurso de que ela é porta-voz, ou seja, aquele que estabelece o corpo magro como o representante do belo.

---

<sup>20</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 39 anos; altura: 1,60 m; peso antigo: 95 kg e peso atual: 60 kg.

Pode-se dizer que o discurso transversal, ou seja, um enunciado elementar que faz parte da FD em análise assume que o “corpo magro é bom e belo” e é esta sequência perpendicular que determina a linearização/articulação/intradiscurso de todos os pré-construídos possíveis dentro das previsões da FD. Sendo assim, os pré-construídos já estão dados e predeterminados e, conforme o discurso transversal que os governa, orientam a “ex-gordinha” sobre algumas inserções e não outras.

Conforme se pode verificar, uma FI é um conjunto de discursos transversais que atuam como elementos norteadores das inserções pré-construídas que podem ser feitas no nível do intradiscurso, guiando a articulação da linearidade discursiva e, com isso, dando forma concreta à FD de que eles são elementos constituintes.

Uma vez mobilizados os conceitos teóricos considerados fundamentais para a realização do presente estudo, os capítulos que seguem são destinados às análises. Sendo assim, reflete-se, na sequência, sobre: a) o corpo gordo; b) o corpo magro e, por fim, c) pondera-se sobre até que ponto as “ex-gordinhas” assumem, de fato, o discurso de que aparentam ser porta-vozes.

### 3 O CORPO QUE ‘FOGE’ AO PADRÃO: EM ANÁLISE, O CORPO GORDO

*Percebe-se como foi possível transformar o peso do corpo em um provisório alívio ou, ao contrário, em um insistente pesar da alma (SANT’ANNA, 2016).*

Neste capítulo, tem-se como objetivo analisar os enunciados presentes nos depoimentos de “ex-gordinhas” e que foram publicados na revista *Women’s Health Brasil*. Procura-se, portanto, evidenciar como o corpo gordo é discursivizado pelas depoentes. Para iniciar, considera-se a SD que segue:

SD 5: Enquanto estava acima do peso, eu sofria de crises de depressão e ansiedade. Nunca me conformei em estar gorda.<sup>21</sup>

Pode-se perceber que, na SD5, a depoente relata algumas das adversidades que enfrentava quando era gorda. Nesse sentido, chama-se atenção para o uso do operador *enquanto*, pois, por meio deste elemento, entende-se que, no período em que a mulher “estava acima do peso”, problemas como “crises de depressão e ansiedade” se faziam presentes em sua vida.

É necessário ressaltar também o uso do verbo *sofrer*, recurso utilizado para caracterizar os “malefícios” enfrentados pelo sujeito devido ao seu corpo estar “acima” do peso tido como “desejável”. Na SD em análise, nota-se um inconformismo do sujeito com relação ao seu corpo, o que pode ser verificado no enunciado “nunca me conformei em estar gorda”. De acordo com Novaes (2006), esse sentimento decorre da crença de não possuir o corpo conforme a estética aceita socialmente.

Pode-se afirmar, desse modo, que, na SD em pauta, o discurso transversal (ou a sequência perpendicular) dita que o corpo gordo deve ser colocado sob a ótica do “indesejável” e do “feio” e é ele quem gerencia a linearização de pré-construídos, como “estava acima do peso”, “sofria de crises de depressão e ansiedade” e “nunca me conformei em estar gorda”, alinhando-os entre si. É ele quem determina a suposta relação de consequência “lógica” entre possuir um corpo gordo, “enquanto estava acima do peso”, e o sofrimento de certos “malefícios”, como ‘entrar’ em

---

<sup>21</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 53 anos; altura: 1,80 m; peso antigo: 126 kg e peso atual: 76 kg.

“depressão” e ter momentos de “ansiedade”.

Portanto, é possível perceber que a “ex-gordinha”, ocupando um lugar social definido, (re)produz um discurso condizente com a FI em que se encontra imersa, pois ela materializa, por meio do discurso, a FD de que é porta-voz. Assim sendo, ela só poderia atrelar o corpo gordo a problemas, pois as condutas de linearização da materialidade linguística do seu discurso já foram previamente previstas pelas forças ideológicas em confronto.

Nesta mesma perspectiva, observe-se a SD abaixo:

SD 6: Eu me sentia infeliz por estar gorda. Por isso, resolvi fazer dieta e para evitar a flacidez, recorri à drenagem linfática, à endermoterapia, bem como à ingestão de cápsulas de colágeno. O resultado: 13kg a menos.<sup>22</sup>

A SD6, transcrita acima, era uma das manchetes da seção de depoimentos da revista. Nela, pode-se verificar a insatisfação da depoente com o seu corpo. A “ex-gordinha” relata o descontentamento gerado “por estar gorda”. Nesse sentido, entende-se que a causa da “infelicidade” ocorre, crucialmente, por não corresponder ao modelo de corpo aclamado socialmente.

Em face da insatisfação, a mulher afirma ter utilizado variados recursos de ordem estética para transformar o corpo; “o resultado: 13kg a menos”. Nas palavras de Sant’Anna (2014b, p. 14),

Hoje, portanto, beleza implica a aquisição de supostas maravilhas em forma de cosméticos, mas também o consumo de medicamentos, a disciplina alimentar e a atividade física. Beleza é, igualmente, submissão a cirurgias, aquisição de prazer acompanhado por despesas significativas, de tempo e dinheiro.

Sabe-se que há inúmeros tratamentos disponíveis no mercado para “dar fim as gordurinhas”. No caso dessa SD, a “ex-gordinha” se valeu de procedimentos múltiplos para “adequar” o seu corpo, como “drenagem linfática”, “endermoterapia” e “ingestão de cápsulas de colágeno”.

Retoma-se, outra vez, o discurso transversal, ou seja, o enunciado elementar que faz parte da FD em análise e que impõe que “o corpo gordo é indesejável e feio”; é esta sequência perpendicular que determina como o encadeamento dos pré-

<sup>22</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 29 anos; altura: 1,57 m; peso antigo: 67 kg e peso atual: 54 kg.

construídos destacados pode e deve ser feito.

Neste sentido, pode-se dizer que os pré-construídos presentes na SD6, “eu me sentia infeliz por estar gorda”, “resolvi fazer dieta” e “para evitar flacidez recorri à drenagem linfática, à endermoterapia e à ingestão de cápsulas de colágeno”, não foram “selecionados” aleatoriamente, mas determinados ideologicamente. Verifica-se, assim, que as palavras ganham sentido a partir das posições daqueles que as utilizam, isto é, elas adquirem sentido a partir da FI/FD de que a “ex-gordinha” é porta-voz (ORLANDI, 1999).

SD 7: Com esporte e dieta, saí da depressão e emagreci 35 kg.<sup>23</sup>

Observando a SD7 e o entrelaçamento feito entre os pré-construídos “esporte e dieta”, “saí da depressão” e “emagreci 35 kg”, pode-se afirmar que o sobrepeso de 35 kg foi o que provocou o estado depressivo da depoente, isto é, o corpo ‘fora’ do padrão deve ter sido, no caso, a causa da insatisfação relatada pela “ex-gordinha”.

Nesse sentido, chama-se atenção para o uso do termo ‘depressão’, elemento presente na SD em análise e que também apareceu na SD5. De acordo com Aurélio (2010, p. 227), a *depressão* é descrita como

1. Estado patológico de sofrimento psíquico, assinalado por um abaixamento do sentimento de valor pessoal; 2. Estado mental caracterizado por tristeza, desespero e desestímulo quanto a qualquer atividade.

Nesta perspectiva, o corpo gordo é caracterizado como sendo capaz de gerar um estado de tristeza e descontentamento. Conforme Novaes e Vilhena (2003) apontam, os gordos possuem um comportamento visto como depressivo. Em geral, a sua imagem é atribuída ao desânimo e ao fracasso no agenciamento do próprio corpo. Observa-se, consoante esta afirmação, que a “depressão” mencionada pelas depoentes se dá, principalmente, pela insatisfação com o corpo e com a aparência.

Reiteradamente, pode-se notar que o discurso transversal estabiliza o efeito de sentido de que o corpo gordo é pernicioso, sendo esta sequência perpendicular geral que incide sobre a linearização/articulação/intradiscurso dos pré-construídos previstos pela FD em estudo. Nesta mesma toada, veja-se a SD que segue:

<sup>23</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 39 anos; altura: 1,60 m; peso antigo: 95 kg e peso atual: 60 kg.

SD 8: A minha briga com a balança era constante. Quando gorda, eu me sentia feia e desmotivada.<sup>24</sup>

Pode-se perceber que a SD8 trata de uma fase pontual da vida da depoente, já que a passagem “*quando gorda*”, orientada pelo conectivo temporal *quando* e pela elisão da flexão verbal *era*, remete ao tempo passado e associa o corpo a “sentir-se feia e desmotivada”. De acordo com Novaes e Vilhena (2003), o corpo tido como feio vive uma tensão constante entre o constrangimento psicológico e as exigências sociais, tendo a própria anatomia como seu pior algoz.

Outro ingrediente que chama a atenção no enunciado é o pré-construído “briga com a balança”. Este sintagma é revelador no sentido de que traz à tona a insatisfação do sujeito com o corpo. Assim, pode-se afirmar que a “briga” relatada ocorre, apenas e tão somente, pela “inadequação” do corpo em relação ao padrão estético socialmente estabelecido (NOVAES; VILHENA, 2003).

Diante disto, é possível notar que os pré-construídos da FD em análise, como “briga com a balança” e “feia e desmotivada”, são predeterminados e se apoiam no discurso transversal que os rege, isto é, aquele que assume que o corpo gordo é demeritório e pejorativo. É ele que orienta a “ex-gordinha” nas suas inserções no intradiscurso. Neste sentido, ela só pode relacionar o corpo gordo a insatisfações, como ter que “brigar com a balança” e “eu me sentia feia e desmotivada”.

Sob este mesmo foco avaliativo, aponta-se a SD abaixo:

SD 9: Passei a não gostar do que via no espelho. Eu não me sentia confortável comigo mesma, com o meu corpo. Perdi a alegria e a autoestima.<sup>25</sup>

Nesta SD, observa-se que o sujeito aborda as insatisfações advindas da sua forma física. De início, a “ex-gordinha” relata que “passou a não gostar do que via no espelho”. Conforme aponta Sant’Anna (2014b, p. 19), “a paulatina banalização dos espelhos fez da contemplação de si mesmo uma necessidade diária, apurando o apreço e também o desgosto pela própria silhueta”, afirmação pertinente para o que se percebe ocorrer neste caso (e nos outros).

Por meio da SD em análise, pode-se inferir que a depoente revela certo

<sup>24</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – 30 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 85 kg e peso atual: 60 kg.

<sup>25</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 49 anos; altura: 1,68 m; peso antigo: 89 kg e peso atual: 70 kg.



descontentamento com o próprio corpo, em face dos pré-construídos articulados entre si como, por exemplo, “eu não me sentia confortável comigo mesma, com o meu corpo” e, por este motivo, “perdi a alegria” e “a autoestima”. De acordo com Noves e Vilhena (2003), a feiúra se caracteriza, fundamentalmente, por uma ruptura estética da qual decorre a perda da autoestima, gerando desmotivação ao sujeito.

Percebe-se, portanto, que a “ex-gordinha”, interpelada pela FI que a orienta, afirma o que lhe cabe, isto é, atrela o corpo gordo a “desvantagens”. Sendo assim, é possível afirmar que a depoente, ocupando um lugar social definido, materializa, por meio de uma FD, a FI de que é porta-voz. Retoma-se a afirmação de Indursky (2007) que defende que o sujeito, identificando-se com os dizeres de uma determinada FD, representa, através da linguagem, um recorte de uma FI.

Pode-se asseverar que o discurso transversal, ou seja, o enunciado elementar que faz parte da FD em questão assume que o corpo gordo está colocado no eixo negativo de avaliação, sendo esta formação de apreciação que determina e dita a linearização/articulação/intradiscurso dos pré-construídos desta FD. Assim, os pré-construídos já se encontram dados e, conforme o discurso transversal que os rege, orientam a depoente para (re)produzir determinados enunciados e não outros.

Constata-se, assim, que o encadeamento da SD em estudo somente poderia ser feito com o intuito de atribuir o corpo gordo a “desvantagens” como, por exemplo, insatisfações: “passei a não gostar do que via no espelho”, “eu não me sentia confortável comigo mesma, com o meu corpo” e “perdi a alegria e a autoestima”.

SD 10: Já sofri muito por ser gorda. Eu não tinha controle sobre o meu corpo, eu queria uma coisa e fazia outra. Me sentia um fracasso.<sup>26</sup>

Verifica-se na SD10 que o sujeito aborda o sofrimento “inerente” (apenas tido como inerente) aos que habitam um corpo gordo. Para a “ex-gordinha”, ela já sofreu “muito por estar gorda”, pois não tinha “controle sobre o corpo”. Ocorre, aqui, uma espécie de movimento entre o corpo gordo, que poderia ser caracterizado como algo sobre o que o sujeito não teria controle, revelando frouxidão e falta de vontade, e o corpo magro, este sim controlado e gerido pela retidão de comportamento.

Chama-se a atenção para o uso da expressão “eu queria uma coisa e fazia

---

<sup>26</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 32 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

outra”, por meio da qual o pré-construído “conquista de um corpo magro” deriva tão somente do *querer* e pode ser relacionado, de um lado, à frouxidão de caráter e de outro, à determinação do sujeito. Deste modo, além de objetificar o corpo através de “coisa”, o corpo que a depoente tanto almeja é aquele que está socialmente estabelecido: o corpo magro.

Outro elemento a ser destacado na SD é o termo ‘fracasso’. Nesta FD, este termo pode ser associado a “mau êxito; malogro ou ruína” (AURÉLIO, 2010, p. 361). Percebe-se, na SD em estudo, que a “ex-gordinha” associa o corpo gordo ao que é ruim, pois ela se “sentia um fracasso” e o caracteriza como capaz de acarretar a ruína do sujeito. Pode-se inferir, assim, que o corpo gordo está, “inescapavelmente”, atrelado ao ‘fracasso’, porque não atende aos ditames corporais determinados socialmente.

Como se vê, a “ex-gordinha”, determinada pelo discurso transversal da FD em que se encontra inserida e que assume que o “corpo gordo é indesejável e feio”, só pode encadear os pré-construídos que tem à disposição de uma forma como, por exemplo, “eu já sofri muito por ser gorda”, “eu não tinha controle sobre meu corpo”, “eu queria uma coisa e fazia outra” e “me sentia um fracasso”; ela não poderia dizer o contrário; já que é dirigida por uma FD que se abate sobre ela. Cabe-lhe enunciar o que já foi estabelecido à priori pelas forças ideológicas em confronto. Assim, ela só pode relacionar o corpo gordo a “desvantagens”, como “sofrimento” e “fracasso”, uma vez que estes são os pré-construídos intercambiáveis discursivamente no eixo sintagmático da FD em análise.

SD 11: Quando eu usava (manequim) 44, tinha dificuldades em encontrar roupas. Me frustrava toda vez que saía fazer compras. Era horrível, eu me sentia muito mal.<sup>27</sup>

Na SD11, a depoente relata as dificuldades que sofria para “encontrar roupas” de seu tamanho de manequim: o “44”. Ressalta-se, neste caso, o uso do operador de tempo “*quando*”, conectivo que situa o relato no tempo passado e que permite inferir que, quando a depoente usava o manequim citado, a adversidade de ter “dificuldade” para “encontrar roupas”, fazia-se presente em sua vida.

Percebe-se que a “ex-gordinha”, com a passagem “me frustrava toda vez que

---

<sup>27</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 46 anos; altura: 1,56 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

saía fazer compras”, revela um sentimento de decepção, por não “encontrar roupas” para o seu modelo de corpo. Segundo Sant’Anna (2014a), aos sofrimentos do gordo, em geral, incluem a dor de “carregar um corpo” ‘fora’ do padrão da atualidade.

Outra vez, é possível verificar que o discurso materializado pela depoente resulta de um “jogo” determinado pelas forças ideológicas, pois pode-se perceber, por meio dele, a ideologia produzindo seus efeitos (ORLANDI, 1999). Nessas condições, pode-se afirmar que a “ex-gordinha”, a partir do lugar social que ocupa, (re)produz, por meio de uma FD, o discurso de que é porta-voz, isto é, aquele que estabelece que o corpo gordo pode acarretar, dentre diversos “problemas”, “ter dificuldades em encontrar roupas”.

Na SD em análise, verifica-se, de novo, o discurso transversal (ou a sequência perpendicular) influenciando a linearização/articulação/intradiscurso de todos os pré-construídos estocados a partir de uma ótica avaliativa. Sendo assim, pode-se dizer que eles já se encontram predeterminados e, conforme o discurso transversal que os governa, conduzem a depoente na “seleção” de determinadas inserções.

Nada estranho, portanto, já que ela somente poderia atrelar o corpo gordo a “desvantagens”, como “dificuldades em encontrar roupas”, “me frustrava toda vez que saía fazer compras” e “era horrível, eu me sentia muito mal”, pois estes são os pré-construídos intercambiáveis e disponíveis na FD que a determina.

SD 12: Cheguei ao fundo do poço. Dependia apenas de mim sair dali.<sup>28</sup>

Pode-se observar, na SD12, que o sujeito relaciona o corpo gordo com a expressão “chegar ao fundo do poço”, pré-construído que pode ser parafraseado por *sentir-se arrasado e estar no limite máximo da frustração e da decepção*. Nesta perspectiva, é possível pleitear que o sujeito atrela o corpo gordo a um estágio de sofrimento profundo.

É pertinente ressaltar, ainda, que a “ex-gordinha” se pauta numa mirada de livre arbítrio e de autocontrole sobre o próprio corpo, pois, para ela, “dependia apenas de mim sair dali” para mudar a sua situação atual. Vê-se, aqui, que o sujeito se responsabiliza pelo (in)sucesso de seu corpo. Nesse sentido, entendem-se as palavras de Novaes (2013, p. 91, grifos do autor), ao afirmar que o “fracasso” do

<sup>28</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 53 anos; altura: 1,80 m; peso antigo: 126 kg e peso atual: 76 kg.

corpo “não se deve a uma impossibilidade mais ampla, mas a uma *incapacidade individual*”, isto é, o seu (in)sucesso é, de suma, responsabilidade do sujeito.

Chama-se atenção para o verbo “sair”, pois se pode concluir que, com ele, a mulher revela o desejo de se distanciar do corpo gordo e se aproximar do corpo magro. Com o emprego deste verbo, a “ex-gordinha” revela o desejo de “abandonar” o corpo gordo, cujo efeito leva a depoente ao “fundo do poço”.

Com base no exposto, pode-se verificar que o discurso transversal, isto é, o enunciado elementar que rege a FD em estudo considera que o corpo gordo é prejudicial e é esta matriz de sentido perpendicular que orienta todas as articulações intercambiáveis dentro desta FD. Assim, diz-se que o discurso da “ex-gordinha” é coagido por forças ideológicas e, por isso, ela diz o que diz, ou seja: ela materializa, no discurso, os princípios ideológicos a que está submetida.

Espera-se ter demonstrado, ao longo deste capítulo, que os depoimentos das “ex-gordinhas” atrelam o corpo gordo a “desvantagens” variadas. Deste modo, tem-se que o *corpo gordo* e o *ser gordo* é sobredeterminado teimosamente por *efeitos de sentido negativos*. Sob este ponto de vista, considera-se pertinente ressaltar que o sentido das SDs só é materialmente concebível na medida em que se compreende que elas são pertencentes a esta ou àquela FD (PÊCHEUX; FUCHS, 2014).

Pode-se defender, assim, que é a partir da FD que a SD ganha sentido. Nas palavras de Pêcheux e Fuchs (2014, p. 169),

a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se pode chamar de “matriz de sentido”, ou seja, é a partir da relação no interior desta família que os efeitos de sentido se estabelecem.

A partir das constatações efetuadas, busca-se sintetizar a seguir, por meio de uma tabela, parte da *matriz de sentido* de que o *corpo gordo* é portador de *efeitos de negatividade*. Assume-se, assim, a hipótese de que os pré-construídos presentes nos discursos das depoentes à revista Women’s Health Brasil revelam, ao longo das SDs analisadas, o que, de acordo com elas, um corpo acima do peso/manequim traz como ônus para as suas portadoras.

<b>UM CORPO GORDO É NEGATIVO</b> , porque gera
Falta de vontade de sair de casa;
Vergonha da própria imagem;

Sufrimento;
Ansiedade;
Depressão;
Inconformismo;
Infelicidade;
Briga com a balança;
Sentimento de feiúra;
Desmotivação;
Desconforto com o próprio corpo;
Dificuldades para encontrar roupas;
Tristeza;
Baixa autoestima;
Descontrole;
Fracasso;
Frustração;
Mal-estar.

Para concluir e resumindo o fio de condução geral da reflexão efetuada nesta parte da dissertação, pode-se sumariar o trabalho efetuado afirmando que o corpo gordo, no discurso das depoentes, sustenta-se numa matriz de sentido negativa, demeritória e pejorativa, que o atrela tão somente a afirmações e a percepções que se conduzem por meio de um ponto de vista depreciativo, fazendo afirmações que se ancoram nessa leitura. Dito de outro modo, os pré-construídos alinhavados na intradiscursividade são determinados por um discurso transversal que atravessa as SDs e dita a forma de encadeamento possível entre eles; e, repita-se, cristaliza uma percepção negativa sobre o corpo gordo. Neste sentido, nota-se que, na atualidade, a tolerância com *o corpo gordo ou com o ser gordo* é diminuída drasticamente em relação a outras épocas; “a gordura dá lugar à magreza, que é, então, positivada e exaltada” (NOVAES, 2006, p. 8).

Mantendo, pois, o foco sobre o “volume” que um corpo deve ter, que, como se pode perceber, privilegia a magreza em detrimento da gordura, sem um limite muito preciso de onde termina um e começa o outro, e tomando o corpo idealizado como linha geral de análise, procura-se detectar, na sequência, o funcionamento do discurso sobre o corpo magro e sobre os seus “supostos benefícios”.

#### 4 O MODELO CORPORAL SOCIALMENTE ELEITO: EM ANÁLISE, O CORPO MAGRO

*Há uma crescente globalização de um padrão de beleza no qual o sucesso está sempre junto ao corpo magro (SANT'ANNA, 2014b).*

Neste capítulo, objetiva-se traçar um percurso oposto ao anterior e evidenciar como o corpo magro é discursivizado pelas depoentes na revista *Women's Health Brasil*. Para isso, considere-se, de início, a SD que segue:

SD 13: Pedi demissão e estipulei um ano para focar apenas na minha saúde e no meu bem-estar. Passado este ano, atingi meu objetivo: do manequim 48 ao 36.<sup>29</sup>

Observa-se na SD13 que a depoente afirma ter estipulado “um ano para focar apenas na (sua) saúde e no (seu) bem-estar”. Pode-se afirmar que o enunciado que constitui a passagem é revelador, no sentido de que aponta para a relação conflituosa existente entre saúde, bem-estar e beleza. No limite, constata-se que, por de trás de um discurso como o (re)produzido, há outro discurso, que revela, mesmo de modo inconsciente, “o” problema: a insatisfação de estar em “desacordo” com a “condição corporal contemporânea” (SANT'ANNA, 2016, p. 15) e onde a saúde só aparece a título de desculpa para o investimento na busca de outro manequim.

Diante disto, pode-se defender que o principal propósito estabelecido pela depoente não é a sua saúde, mas ser magra, já que, “passado este ano, atingi meu objetivo: do manequim 48 ao 36”. Percebe-se que, sobredeterminado pelo discurso da saúde e do bem-estar, a “ex-gordinha” manifesta o desejo de chegar ao manequim amparado socialmente. Diz-se, então, que não basta seguir o padrão magro, é também preciso “enquadrar-se” em um manequim específico, ou seja, o 36.

Pode-se, portanto, afirmar que o discurso transversal, isto é, o enunciado elementar que rege a FD em estudo considera que “o corpo magro é o corpo bom e belo” e é esta sequência perpendicular que gerencia a relação ou a linearização de

---

<sup>29</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 39 anos; altura: 1,60 m; peso antigo: 95 kg e peso atual: 60 kg.

pré-construídos como, por exemplo, *pedir demissão, estipular um ano e focar na saúde e no bem-estar*, que desembocam em outros pré-construídos, como “atingi meu objetivo” e “do manequim 48 para o 36”. Pode-se perceber que a “ex-gordinha” só pode encadear os pré-construídos disponíveis de uma determinada forma, não podendo revogar o manequim de corpo defendido pela FD de que é porta-voz ou refutar o discurso da revista em questão. A ela cabe enunciar o que já foi previsto pelas forças ideológicas em conflito sobre o corpo “bom” e “desejável”.

SD 14: Costumo dizer que hoje sou uma nova mulher. Mais feliz, mais saudável e mais bonita.<sup>30</sup>

Verifica-se na SD14 que a depoente está centrada nas “melhoras” advindas com o corpo magro. Mais uma vez, chama-se atenção para o uso do advérbio de tempo *hoje*, ingrediente recorrente em SDs já analisadas e que indica a passagem para o tempo em que se fazem presentes certos “benefícios”, como a felicidade, a saúde e a beleza. Ainda sob esta ótica, deve-se ressaltar o adjetivo *nova*, recurso que evidencia que não se trata da mesma pessoa, mas de “uma nova mulher”, “mais feliz, mais saudável e mais bonita”. Assim, pode-se assumir que as “vantagens” estão atreladas, em tese, à conquista de um corpo “adequado” ao “padrão”.

Nesta perspectiva, deve-se atentar, de novo, para a relação maniqueísta que relaciona magreza e saúde. Novaes (2013, p. 84) chama a atenção para o

binômio saúde-beleza, no qual o segundo termo é o determinante (a saúde possui um padrão estético estabelecido) e é apresentado como o caminho legítimo e seguro para a felicidade.

Com base nisto, parece haver uma relação de ‘causa e consequência’ entre ser magra e ser “bonita” e, por conseguinte, ser “saudável”, e não o contrário.

Pode-se perceber, portanto, “a maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele” (ORLANDI, 1999, p. 43). Nessas condições, é possível afirmar que a “ex-gordinha”, ocupando o lugar social que ocupa, (re)produz o discurso de que é porta-voz, que estabelece que o corpo magro é capaz de gerar, dentre outros “benefícios”, “ser uma nova mulher”.

Novamente, o discurso transversal (ou a sequência perpendicular) determina a

---

<sup>30</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 32 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

linearização/articulação/intradiscurso de pré-construídos da FD em estudo. Pode-se, pois, assumir que eles se encontram predeterminados e são guiados pelo discurso transversal que os governa e direciona a depoente na “seleção” de determinadas inserções e na rejeição de outras.

SD 15: Os frutos da minha dedicação incluem a melhora no bom-humor, no bem-estar, na saúde e na vida afetiva.<sup>31</sup>

Na SD15, a “ex-gordinha” relata os “benefícios” que chegaram com o corpo magro. Chama-se atenção para o uso da expressão “os frutos da minha dedicação”, pois se entende que o empenho colocado no objetivo buscado foi fundamental para a “conquista” do modelo de corpo socialmente eleito. Desta forma, percebe-se que, ao alcançar o corpo magro, a “ex-gordinha” aparenta adquirir, por tabela, outras “vantagens”.

Ao que parece, foi a “conquista” do corpo magro que trouxe os “benefícios” citados e isto revela que o discurso transversal que dita que “o corpo magro é bom e belo” gerencia a linearização dos pré-construídos, relacionando-os entre si. É ele que incide sobre a suposta relação de ‘consequência lógica’ entre a “conquista” de um corpo magro e o alcance de determinados “benefícios”, como “a melhora no bom-humor, no bem-estar, na saúde e na vida afetiva”.

Assim, é possível compreender que o discurso materializado pela depoente resulta de um “jogo” definido pelas forças ideológicas. Nesta perspectiva, tem-se que a “ex-gordinha”, ocupando um lugar social estabelecido à priori, deve (re)produzir, por meio de uma FD, o discurso de que é representante. Por esta razão, entende-se o postulado de Orlandi (1999, p. 46) de que “as palavras recebem seus sentidos de formações discursivas”. Pode-se constatar, mais uma vez, que a “ex-gordinha”, determinada pelo discurso transversal da FD em que se encontra, encadeia os pré-construídos que tem à disposição de um modo e não de outro.

Cabe a ela, por consequência, relacionar o corpo magro a “vantagens”, como as mencionados acima, uma vez que estes são os pré-construídos intercambiáveis discursivamente na FD em estudo.

---

<sup>31</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 29 anos; altura: 1,57 m; peso antigo: 67 kg e peso atual: 54 kg.



SD 16: Adoro comer, mas descobri que gosto mais de ser magra. Pensando assim, fazer dieta deixou de ser um sacrifício e virou um hábito.<sup>32</sup>

Nesta SD, observa-se que o sujeito trata da “sua escolha” para “conquistar” o corpo “ideal”. Percebe-se que a depoente afirma que “adora comer”, mas que, por outro lado, gosta mais ainda “de ser magra”. Pode-se inferir que ela teve que “abrir mão” de comer determinados alimentos em prol da obtenção de um corpo magro. Para Sant’Anna (2016, p. 14, grifos nossos), “emagrecer ganhou o aspecto de uma *necessidade urgente*”, fazendo com que os sujeitos ‘utilizem’, para isso, dos mais diversos procedimentos como, por exemplo, “fazer dieta”.

Nesta perspectiva, pode-se perceber, com a passagem “fazer dieta deixou de ser um sacrifício e virou um hábito”, que a “ex-gordinha” entende que se acha em conformidade com a estética atual que se pauta na necessidade de o corpo ser disciplinado através de exercícios físicos, treinos diários e dietas rigorosas (SANT’ANNA, 2014b). Deste modo, imagina-se, por meio do enunciado, que “fazer dieta” já foi considerado um “sacrifício” pela depoente e que, no entanto, hoje ela é vista com “bons olhos”, pois a mulher alcançou o modelo de corpo desejado por meio dessa prática, que já “virou um hábito”.

Percebe-se, pois, que a “ex-gordinha”, orientada pelo discurso transversal da FD em que está inserida, aquele que estabelece que o “corpo magro é bom e belo”, só pode encadear os pré-construídos que tem à disposição de um modo específico, como o faz em relação a *adoro comer, descobri que gosto mais de ser magra, pensando assim, fazer dieta deixou de ser um sacrifício e virou um hábito*; ela não poderia dizer o oposto; uma vez que é determinada pela FD que privilegia o corpo magro. No limite, ela só pode exaltar este corpo, uma vez que este é o discurso de que é porta-voz.

SD 17: Quanto as mil dietas que fiz, todos os *shakes* e sopas que tomei e os *vaivéns* aos *spas*, sei que, de uma forma ou outra, eles fizeram efeito. Hoje, os homens me olham na rua e meu marido me dá mais atenção.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 34 anos; altura: 1,63 m; peso antigo: 73 kg e peso atual: 57 kg.

<sup>33</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 53 anos; altura: 1,80 m; peso antigo: 126 kg e peso atual: 76 kg.

Na SD17, são abordados os procedimentos realizados para a “conquista” do corpo magro e dos “benefícios” alcançados com este modelo. Ganham realce, neste sentido, os meios utilizados pela “ex-gordinha” para a obtenção do corpo desejado, como *as mil dietas que fiz, todos os shakes e sopas que tomei e os vaivéns aos spas*. Pode-se inferir que, para possuir o *shape* da atualidade, é preciso investir tempo e dinheiro em procedimentos que vão desde os cirúrgicos até as dietas para “dar fim” à gordura (SANT’ANNA, 2016). Sobressai, neste caso, a expressão “eles fizeram efeito”, ingrediente que aponta para as práticas executadas pela depoente e que só “surtiram efeito”, porque a “ex-gordinha” “conquistou” o corpo cultuado socialmente, e não o seu oposto.

Chama-se a atenção para o emprego recorrente do advérbio de tempo *hoje*, elemento utilizado para enfatizar que as “conquistas” alcançadas com a magreza como, por exemplo, “os homens me olham na rua” e “meu marido me dá mais atenção”, são “recentes” e tomadas como índices positivos e meritórios. Desta forma, evidencia-se que, ao alcançar o corpo magro, a “ex-gordinha” ‘adquire’, supostamente, um conjunto de “vantagens”. Eis que se repete o foco maniqueísta já mencionado anteriormente: ‘seja magra e desfrute de uma vida de realizações e prazeres’ e ‘seja gorda e tenha problemas de aceitação’. O corpo magro, nesta perspectiva, parece ser *tudo* que os sujeitos “precisam” ter para se sentirem satisfeitos, por outro lado, o corpo gordo é só ‘dissabores’.

Numa toada repetitiva e recorrente, foi a chegada do corpo magro que trouxe, em tese, os “benefícios” supracitados e, teimosamente, o discurso transversal dita que “o corpo magro é bom e belo” e gerencia a linearização/articulação/intradiscurso de pré-construídos, como *as mil dietas que fiz, todos os shakes e sopas que tomei, os vaivéns aos spas, fizeram efeito, os homens olham na rua e meu marido dá mais atenção*. Assim, os pré-construídos se encontram dados e predeterminados e o discurso transversal que os rege conduz a depoente em relação às inserções que deve fazer.

Com base nisto, é possível perceber que o discurso (re)produzido pela depoente é ideologicamente determinado. Logo, a “ex-gordinha” ocupando um lugar social previamente imposto somente pode materializar o discurso de que é representante, isto é, aquele que estabelece o corpo magro como o ideal de beleza e, em razão disto, está, indissociavelmente, atrelado a este modelo de corpo as mais diversas “regalias”.

SD 18: Em um ano pulei do manequim 44 para o 36. Me sinto em boa forma e realizada.<sup>34</sup>

Pode-se perceber, na SD18, que a depoente relata a ‘melhoria’ ocorrida em sua vida: “me sinto em boa forma e realizada”, fato decorrente da mudança, para menor, do seu manequim. Ressalta-se o uso da expressão “boa forma”, ingrediente que permite inferir que ter um corpo em forma ou, neste caso, em “boa forma”, significa possuir um corpo magro: 36. Nas palavras de Sant’Anna (2001, p. 110), “é que a boa forma, da maneira como foi mencionada, baseia-se numa noção estética caricatural: ser belo é aproximar-se de um ideal [...] distinto do que é cada corpo”; ser belo, nestas condições, é possuir o corpo aclamado socialmente; é usar 36 para, assim, poder desfrutar das “vantagens” de viver num corpo dentro do ‘padrão’.

Atente-se, sobretudo, aos tamanhos de manequins presentes no enunciado: “pulei do manequim 44 para o 36”. Deve-se ter em conta, sobretudo, a importância atribuída a um tamanho específico de corpo. Percebe-se, então, que a linearização do enunciado só pode ser feita em direção da diminuição do manequim utilizado, ou seja, a mudança deve ocorrer no sentido decrescente, do maior para o menor, e não ao contrário. Para esta FD, *pular*, ainda que geralmente signifique elevar-se do chão, aqui, é um percurso para baixo e, só por isso, o pulo é positivo.

A partir do exposto, pode-se afirmar que a sequência perpendicular que faz parte do discurso em estudo assume que “o corpo magro é o corpo bom e belo” e é esse enunciado elementar que determina como o encadeamento de pré-construídos pode/deve ser feito. Para esta FD, os tamanhos de manequim são tomados entre um polo positivo e outro negativo, sendo o menor melhor e o maior pior, e eles não podem ser concebidos ao contrário, mesmo que o único fio crucial de avaliação seja uma medida corporal e não outros critérios, como a saúde, por exemplo, embora ela apareça, às vezes, à guisa de justificativa apaziguadora.

A materialidade discursiva dos depoimentos das “ex-gordinhas” se encontra coagida por forças ideológicas, uma vez que ela representa, no discurso, as noções ideológicas a que se submete. Sendo assim, a depoente somente pode encadear os pré-construídos de uma maneira, relacionando o corpo magro a “benefícios”, como *saltar do manequim 44 para o 36 e se sentir em boa forma e realizada*. A ela, cabe enunciar o que já foi previsto pelas forças ideológicas em confronto.

---

<sup>34</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 34 anos; altura: 1,63 m; peso antigo: 73 kg e peso atual: 57 kg.

SD 19: O resultado da minha determinação foi: 12 kg a menos e um *shape* seco e definido.<sup>35</sup>

Aqui, constata-se que a “ex-gordinha” relata os ‘frutos’ de sua persistência. Pode-se afirmar que o empenho depreendido objetivou, crucialmente, a “conquista” do corpo magro (“o resultado da minha determinação foi: 12 kg a menos”) e não outra meta qualquer. Percebe-se que, de algum modo, meio que miraculosamente, ao alcançar um modelo de corpo específico, a depoente “conquista” também outros “benefícios”, como “um *shape* seco e definido”. Conforme aponta Sant’Anna (2016, p. 14), foi “a partir de meados do século XX, sobretudo, que o ideal de uma aparência física leve e longilínea conquistou uma positividade crescente”. Assim, pode-se asseverar que “uma parte da gordura rejeitada deu lugar à valorização do corpo tonificado” (SANT’ANNA, 2016, p. 14), que “precisa” ser moldado, magro, esbelto e torneado: na medida “perfeita”.

Diante disto, é possível perceber que o discurso (re)produzido pela depoente deriva de um “jogo” determinado pelas forças ideológicas. Assim, entende-se que a “ex-gordinha”, ocupando um lugar social previamente determinado, pode e deve dar forma ao discurso de que é representante, neste caso, aquele que elege o corpo magro como o representante do que é desejável.

A “ex-gordinha”, determinada pelo discurso transversal da FD em que se encontra inserida e que assume que o “corpo magro é o corpo bom e belo”, deve encadear os pré-construídos que tem à disposição de um modo, como *o resultado da determinação foi 12 kg a menos (e não mais) e um shape seco e definido*. Ela não poderia não dizer isso, uma vez que é guiada por uma FD que incide sobre ela. Cabe-lhe enunciar o que está previsto pelas forças ideológicas. Neste sentido, a “ex-gordinha” deve atrelar o corpo magro a “vantagens” como, por exemplo, “*shape* seco e definido” (entendendo que isto seja uma “vantagem”), pois esses são os pré-construídos articuláveis discursivamente no eixo sintagmático do discurso em análise.

SD 20: Há oito anos fiz uma cirurgia plástica para dar adeus as gordurinhas que tanto me incomodavam. Desde então, mantenho um corpo magro e saudável.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 32 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

<sup>36</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 50 anos; altura: 1,66 m; peso antigo: 76 kg e peso atual: 62 kg.

Observa-se que a depoente relata inicialmente o procedimento efetuado para “dar adeus as gordurinhas que tanto me incomodavam”: a cirurgia plástica. Por meio deste enunciado, pode-se dizer que a “ex-gordinha” revela um descontentamento em relação a sua forma física, cujo motor é a ruptura com o modelo “padrão”.

Outro elemento que chama atenção na SD é o silenciamento da intervenção realizada e, neste contexto, o emprego da expressão “fiz uma cirurgia plástica” permite inferir que o procedimento estético utilizado para “dar adeus as gordurinhas” foi a lipoaspiração, método recorrente no Brasil e que se baseia na sucção de gordura localizada, proporcionando a remodelagem corporal. Para Sant’Anna (2014b, p.17), uma das possibilidades disponíveis no mercado estético diz respeito à capacidade de reinventar, “com a ajuda da ciência e da técnica, as formas daquilo que já foi considerado a morada da alma, a sede do pecado, o sustentáculo da vida”.

Deve-se ressaltar, novamente, a relação estabelecida entre magreza e saúde, embora esta não tenha preponderância sobre aquela: “desde então, mantenho um corpo magro e saudável”. Deste modo, entende-se as considerações de Novaes (2006), ao mencionar que cada vez mais o corpo magro está relacionado à beleza exterior e saúde, sendo que, no entanto, o primeiro detém a primazia. Ser magro, sob esta perspectiva, é, necessariamente, ser “saudável” e “belo” e não o contrário.

Com base no exposto, pode-se constatar, de novo, que o discurso transversal de que o “corpo magro é bom e belo” fixa a linearização/articulação/intradiscurso de pré-construídos, como *há oito anos fiz uma cirurgia plástica, dar adeus as gordurinhas que tanto me incomodavam e mantenho um corpo magro e saudável*. Os pré-construídos, portanto, já estão dados e determinados e, conforme o discurso transversal que os governa, conduzem a “ex-gordinha” nas inserções que realiza e na relação que estabelece entre elas. Nesse sentido, no discurso (re)produzido, pode-se constatar a ideologia produzindo evidências (ORLANDI, 1999).

Espera-se ter demonstrado, ao longo deste capítulo, que os depoimentos das “ex-gordinhas” relacionam o corpo magro a “vantagens” variadas, uma vez que *ser magro* é caracterizado por *efeitos de sentido positivos*. Nesse sentido, procurar-se-á sintetizar, abaixo, parte da *matriz de sentido* sobre este corpo. Para isso, assume-se a hipótese geral de que os pré-construídos presentes nos discursos das depoentes à revista Women’s Health Brasil revelam, ao longo das SDs analisadas, o que, para elas, um corpo dentro do ‘padrão’ traz como bônus para as suas portadoras.

<b>UM CORPO MAGRO É POSITIVO</b> , porque gera
Felicidade;
Autoestima;
Saúde;
Bom-humor;
Conquistas;
Segurança;
Novas amizades;
Melhora na relação com o marido/na vida afetiva;
Valorização;
Ciúmes;
Alcance de objetivos;
Manequim 36;
Sentir-se uma nova mulher;
Beleza;
Bem-estar;
Admiração dos homens;
Boa forma;
Realização;
Determinação;
<i>Shape</i> seco e definido.

Para sumariar as análises tecidas nesta parte da pesquisa, pode-se assumir que o discurso elogioso e meritório sobre o corpo magro, para as “ex-gordinhas”, ampara-se *numa matriz de sentido positiva e benéfica* e o relaciona a percepções que se colocam sob um prisma favorável. Em outras palavras, os pré-construídos ‘combinados’ na intradiscursividade são determinados por um discurso transversal que perpassa as SDs e incide sobre o encadeamento possível, proporcionando uma leitura que contribui para a cristalização do corpo magro como positivo, uma vez que os discursos das depoentes afirmam que os recursos usados trouxeram “vantagens” com a “conquista” do corpo tido como “ideal”.

## 5 “EX-GORDINHAS”: UMA ALMA INDECISA

*É preciso discernir o que falha (PECHÊUX, 2014b).*

Como se espera ter demonstrado ao longo das considerações alinhavadas, percebe-se que as “ex-gordinhas” atrelam o corpo gordo a diversos problemas que vão além da corporalidade física, respaldando-se em questões estéticas, emocionais e ideológicas, e relacionam, persistentemente, o corpo magro ao que é “bom e belo”: parece que é este o corpo capaz de solucionar ‘problemas’ e ‘garantir’ “vantagens”. Desta forma, parte-se do pressuposto de que há, em seus discursos, uma complexa desvalorização do primeiro em benefício do segundo (SANT’ANNA, 2016).

Em face dessa percepção geral, busca-se perceber, neste capítulo, até que ponto o discurso materializado pelas depoentes a respeito do corpo gordo e do corpo magro é, de fato, assumido por elas, uma vez que há marcas de um ritual que falha em termos de atender à previsibilidade discursiva. Com o intuito de refletir sobre isso, retomam-se as SDs, pois se considera que elas possibilitarão compreender a tensa relação que perpassa esses sujeitos e os seus corpos.

De início, reporta-se, ainda que brevemente, à história da corporeidade no Brasil, sobretudo durante os séculos XX e XXI, uma vez que se parte do princípio de que há, nestes séculos, uma mudança na forma de conceber o corpo e as suas formas. Assim, procura-se perceber como o corpo gordo, já muito valorizado, cedeu espaço à banalização dos “procedimentos cirúrgicos e regimes [...] para secar a gordura” (SANT’ANNA, 2016, p. 13).

Entende-se que as referências à gordura sempre estiveram presentes, de certo modo, na ideologia vigente do país, principalmente, no que diz respeito ao vocabulário. Nas palavras de Sant’Anna (2016, p. 17, grifos nossos),

*entre os brasileiros, dizia-se que uma ‘gorda oportunidade’ era a verdadeira chance na vida e uma ‘gorda bicada’ garantia goles de uma bebida saborosa. Havia domingos gordos e a famosa terça-feira gorda.*

No excerto, pode-se perceber que o termo ‘gordo’ possui um sentido diferente do produzido pelas “ex-gordinhas”, pois ele se refere ao que é bom e farto. Se, atualmente, o *corpo gordo* ou o *ser gordo* é investido de *sentidos negativos*, em

outros tempos, ele já foi percebido com ‘bons olhos’, pelo fato de que “a magreza e a carestia à mesa eram realidades comuns no Brasil” (SANT’ANNA, 2016, p. 18): era, por exemplo, o tempo das “vacas magras”. Esta avaliação ainda vigora em diversos lugares; nas regiões de pecuária, para citar uma. Logo, pode-se pressupor que a preocupação com a escassez de alimentos era maior do que a “necessidade” de emagrecer (SANT’ANNA, 2016).

Em face disso, postula-se que ser gordo representava fartura de comida e distinção social, além de indicar a presença de corpos bem protegidos pela gordura. O bom senso popular recomendava estocar carnes para épocas de penúria: na despensa da casa e no próprio corpo. Nesta perspectiva, diz-se que os gordos eram associados à vida regalada (SANT’ANNA, 2016).

É possível atentar, além disso, para os diversos concursos destinados à contemplação da corpulência. Se, hoje, a magreza ocupa espaço dentro e fora das passarelas, há um século, a gordura foi digna de admiração. Tendo em vista que

quando a comida era escassa e, portanto, privilégio dos ricos, a gordura era, de certa forma, sinônimo de saúde e prosperidade, enquanto a magreza sugeria miséria e definhamento (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 20).

Ser gordo, nessas condições, significava abundância de riqueza, saúde e comida. Não se falava em um corpo dentro do ‘padrão’, mas num corpo privilegiado, justamente, por ser farto. Entretanto, com base nas SDs analisadas, percebe-se que o gordo tem como característica um comportamento depressivo e ansioso, como afirmado, de modo recorrente, pelas depoentes:

SD 21: Enquanto estava acima do peso, **eu sofria de crises de depressão e ansiedade**. Nunca me conformei em estar gorda.<sup>37</sup>

SD 22: Com esporte e dieta, **saí da depressão e emagreci 35 kg**.<sup>38</sup>

Nesta toada, percebe-se que o corpo gordo é considerado o elemento que “causa” as “crises sofridas”. Na contramão desta mirada, era comum serem

---

<sup>37</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 53 anos; altura: 1,80 m; peso antigo: 126 kg e peso atual: 76 kg.

<sup>38</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 39 anos; altura: 1,60 m; peso antigo: 95 kg e peso atual: 60 kg.



atribuídas às pessoas gordas qualidades como a força física e os sentimentos nobres (a valentia, a felicidade e a coragem).

Logo, há que se considerar que *ser gordo* já foi investido de *sentidos positivos*, pois as suas características físicas não interferiam desfavoravelmente nos mais variados julgamentos (SANT'ANNA, 2016). Observa-se, pois, que

*A obesidade ainda não era um foco de problematização, como ocorrerá mais tarde. Ela era mencionada entre as moléstias anunciadas na propaganda impressa, mas suas especificidades não possuíam grande destaque. A obesidade também não era um termo de uso recorrente. O mais comum era falar em corpulência ou então em pessoas muito gordas, conhecedoras dos excessos da gula e cuja prova maior era uma barriga avantajada, que impedia o fechamento dos cintos. E nem sempre elas eram incitadas a emagrecer* (SANT'ANNA, 2016, p. 22 - 23, grifos nossos).

Foi a partir do século XX e motivado pelo avanço da Medicina que o estudo sobre a gordura se expandiu, caracterizando a obesidade como um dos grandes males da sociedade: mas a perspectiva, neste caso, é relativa à saúde. Este século é marcado pelas maneiras de entender o significado da gordura e também de sua ausência (SANT'ANNA, 2016).

De acordo com Moulin (2008, p. 15), “o século XX assume um novo direito do homem, o direito à saúde, compreendida como a plena realização da pessoa, direito de fato compreendido, sobretudo, como o direito à assistência médica”. Passa-se a ter, por consequência, um corpo considerado passível de ser explorado, analisado e tratado com o amparo medicinal. Diz-se, então, que a partir disto decorre o enfoque dado, na contemporaneidade, ao *ser gordo* e aos riscos que o excesso de peso pode gerar à saúde das pessoas.

Deve-se ressaltar, enfaticamente, entretanto, que o discurso da Medicina visa alertar para os riscos que a obesidade pode gerar aos sujeitos como, por exemplo, as “patologias cardíacas, respiratórias, digestivas e hormonais”, dentre outras (SANT'ANNA, 2016, p. 138). Mas a preocupação deste campo do sentido é, acima de tudo, com a obtenção de um *corpo saudável*, independentemente de ser magro.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>39</sup>, a obesidade é considerada um dos maiores problemas de *saúde pública* do mundo, que deve ser combatida mediante campanhas que visam conscientizar a população a ter hábitos

---

<sup>39</sup> Informações retiradas de: <http://www.paho.org/bra/>.

alimentares saudáveis, bem como praticar exercícios físicos. Diante disto, pode-se constatar, mais uma vez, que o foco principal da Medicina está na saúde e no bem-estar da população e não no atendimento de um padrão estético.

Entretanto, houve um ‘deslocamento’ do discurso voltado para a saúde para o atendimento de um padrão corporal imposto socialmente. Desta forma, percebe-se que, na atualidade, a preocupação com a saúde é sobredeterminada pela busca de um modelo de corpo específico: o corpo magro. Neste sentido, pode-se perceber, com base nas SDs analisadas, que a preocupação primordial das “ex-gordinhas” se centra na incessante busca por atender “às exaustivas práticas do culto ao corpo” (NOVAES, 2006, p. 9). Dito de outro modo, o objetivo dessas mulheres se baseia, sobretudo, em serem magras e não em serem saudáveis. Sendo assim, considera-se que ser magro, nessas condições, “ganhou uma positividade crescente, *ampliada pela propaganda em torno dos martírios da obesidade* e da necessidade de controlar o próprio peso”, para, assim, “adquirir”, por tabela, saúde e beleza (SANT’ANNA, 2016, p. 14, grifos nossos).

Segundo Sant’Anna (2014b, p. 15, grifos nossos), há uma razão, às vezes, inconfessa, para que essa mudança de concepção corporal tenha ocorrido: “trata-se da importância inegável da *aparência física* no mundo contemporâneo”; aparência esta que não tem relação direta com a saúde do corpo, uma vez que ela se apoia, fundamentalmente, em questões estéticas. Em razão disto, pode-se compreender a afirmação de Novaes (2006), ao mencionar que, cada vez mais, *beleza exterior e saúde* se associam como sinônimos, sem que o sejam efetivamente.

Diante do exposto, é possível assumir que o discurso da Medicina sobre a saúde e o bem-estar do corpo foi, vagarosamente, sendo deslocado pelo sistema capitalista/mercadológico, com vistas à obtenção de lucro com a ‘instauração’ de um corpo “ideal”: *desejável, bonito, saudável e, acima de tudo, magro*. Nas palavras de Orlandi (2012, p. 95, grifos nossos), “o corpo de que estou falando é *o corpo produzido pela ideologia capitalista*”, que não cansa, apoiado pela publicidade, de conduzir ao consumo. Assim, entende-se que o corpo e o seu volume virou notícia privilegiada *dentro e fora dos círculos médicos* (SANT’ANNA, 2016), visto que passou a ser submetido a uma indústria imperativa (ou propagadora) da magreza que influi, diretamente, sobre as mulheres e a sua corporalidade.

Nesse sentido, pode-se afirmar que, sob a desculpa da busca da saúde e do bem-estar, as “ex-gordinhas” revelam, mesmo que de modo inconsciente, o desejo

de corresponder a um modelo de corpo que atende aos ditames atuais. Como forma de exemplificação, considere-se a SD que segue:

SD 23: Pedi demissão e estipulei um ano para focar apenas na minha **saúde** e no meu **bem-estar**. Passado este ano, atingi meu objetivo: do manequim **48** ao **36**.<sup>40</sup>

Pode-se constatar, com base na SD, que a saúde e o bem-estar aparecem como pretexto para o investimento na incessante busca pelo manequim tido como “ideal”. Desta maneira, ratifica-se, mais uma vez, que o principal intuito estabelecido pela “ex-gordinha” não é, crucialmente, a saúde, mas ser magra, uma vez que, “passado esse ano, atingi meu objetivo: do manequim 48 ao 36”. Assim, percebe-se que, amparada pelo discurso da saúde e do bem-estar, a depoente manifesta o desejo de ‘conquistar’ o manequim valorizado socialmente.

Outro ingrediente que não pode deixar de chamar a atenção é a passagem “pedi demissão e estipulei um ano para focar apenas na minha saúde e no meu bem-estar”. O enunciado permite inferir que a depoente não é uma mulher qualquer, que pertença a um segmento social indiviso. Ela é, claramente, alguém que possui poder aquisitivo e, por isto, pode “pedir demissão” para ‘cuidar’, exclusivamente, do corpo e, assim, ‘atingir’ “o (“seu”) objetivo”, que nada mais é do que ter o corpo e a estética aceita socialmente, ou seja: ser magra e vestir 36.

Nesta perspectiva, atenta-se, mais uma vez, para a relação maniqueísta que relaciona *magreza* e *saúde*, como estando ao lado do bem e do bom e a *gordura*, como estando ao lado do mal e do ruim. Sob este prisma, observe-se a SD abaixo:

SD 24: Os frutos da minha dedicação incluem a melhora no bom-humor, no **bem-estar**, na **saúde** e na vida afetiva.<sup>41</sup>

Na SD24, a “ex-gordinha” relata as “vantagens” que chegaram com o “novo” corpo: a “melhora no bom-humor, no bem-estar, na saúde e na vida afetiva”. De modo recorrente, são ressaltados dois “benefícios” especiais: bem-estar e saúde. Aparentemente, o bem-estar mencionado pela depoente não está atrelado a sua saúde obrigatoriamente, mas à *satisfação* por atender ao modelo corporal aceito

<sup>40</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 39 anos; altura: 1,60 m; peso antigo: 95 kg e peso atual: 60 kg.

<sup>41</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 29 anos; altura: 1,57 m; peso antigo: 67 kg e peso atual: 54 kg.

socialmente. Defende-se, pois, que o sujeito se sente bem, não por estar saudável, mas por corresponder ao corpo difundido pela ideologia atual: aquele cujas formas são consideradas esteticamente “perfeitas”. Nesse sentido, compreende-se que “o corpo, assim visto, passou então a ser o passaporte para a felicidade, o bem-estar e a realização pessoal” (NOVAES, 2013, p. 26).

O culto do corpo na atualidade, aparentemente, embora isso seja afirmado constantemente, não tem como objetivo maior estar saudável, mas representa o atendimento às expectativas corporais sancionadas socialmente e, em contrapartida, qualquer contravenção estética parece provocar um profundo mal-estar (NOVAES, 2013). A exemplo disto, considerem-se as SDs que seguem:

**SD 25: Passei a não gostar do que via no espelho.** Eu não me sentia confortável comigo mesma, com o meu corpo. **Perdi a alegria e a autoestima.**<sup>42</sup>

**SD 26: Já sofri muito por ser gorda.** Eu não tinha controle sobre o meu corpo, eu queria uma coisa e fazia outra. **Me sentia um fracasso.**<sup>43</sup>

Pode-se observar que, nas SDs acima, as depoentes relatam uma grande insatisfação com o seu corpo, fato que pode ser atestado com as expressões “passei a não gostar do que via no espelho” e “me sentia um fracasso”, o que ocorre, em especial, por não atender os ditames estéticos socialmente instituídos. Dito de outro modo, a “ex-gordinha” não gostava do que via, pois o corpo que devia contemplar no espelho não era o magro, mas o oposto. É por isto que ela afirma ter perdido “a alegria e a autoestima”. Em consonância com Sant’Anna (2014a), as mulheres relatam as “desventuras” “inerentes” a um corpo “volumoso” numa época em que o sucesso e a alegria já pareciam habitar unicamente os corpos magros e longilíneos.

Pode-se perceber, ainda, que o sentimento de fracasso relatado pelas “ex-gordinhas” reiteram a crença de que o corpo gordo pode causar o insucesso dos seus portadores. De acordo com Costa (1985), é comum ao sujeito que não se ‘enquadra’ nos padrões impostos apresentar um sentimento de fracasso, como se aquele que não correspondesse ao modelo de beleza demonstrasse também *uma*

<sup>42</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 49 anos; altura: 1,68 m; peso antigo: 89 kg e peso atual: 70 kg.

<sup>43</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 32 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

*incapacidade diante do agenciamento de seu próprio corpo* (conforme atesta a SD 27, abaixo). Desse modo, compreende-se que, na contemporaneidade, os sujeitos são “convidados” a zelar e, principalmente, a *prestar contas* do corpo à sociedade.

SD 27: Cheguei ao fundo do poço. **Dependia apenas de mim sair dali.** <sup>44</sup>

Há que considerar, também, além do que já foi desenvolvido, que o discurso das depoentes é atravessado pelas previsões mercadológicas de consumo, que transformaram o “cuidado” do corpo, tornando-o não apenas uma obrigação, mas, sobretudo, em uma facilidade sem limites, que promete saídas miraculosas para todos os ‘dilemas’ e ‘descompassos’ corporais. Tem-se, então, um público feminino que é levado a se responsabilizar pelo agenciamento estético de seu corpo. De dever social, ser magro se tornou também dever moral, uma vez que o “fracasso” do corpo se deve, atualmente, a uma *incapacidade individual* (NOVAES, 2013).

Retomando a SD em análise, faz-se necessário ressaltar o uso da expressão “dependia apenas de mim sair dali”. Neste enunciado, pode-se perceber que a “ex-gordinha”, guiada pela ilusão de autocontrole sobre o próprio corpo, materializa, no discurso, a “lógica” do livre arbítrio, da individualidade subjetiva e, no limite, da “lógica” do mercado, isto é: “se você realmente quiser ser magra, você consegue” (NOVAES, 2013), haja vista que a “indústria da magreza” oferece uma gama de procedimentos que prometem a “conquista” de um corpo adequado ao padrão.

Desse modo, a proliferação de um corpo idealizado e fixo dá origem a “uma *megaindústria* que reúne alimentação, cosmética, saúde e atividades físicas”, transformando a corporeidade em um lucrativo “negócio” (SANT’ANNA, 2014b, p. 10, grifos nossos). Conforme Featherstone (1993) aponta, foi a partir da combinação dessas quatro indústrias que a vitória do corpo magro sobre o corpo gordo se instaurou. Como exemplificação, veja-se a SD que segue:

SD 28: Eu me sentia infeliz por estar gorda. **Por isso, resolvi fazer dieta e, para evitar a flacidez, recorri à drenagem linfática, à endermoterapia, bem como à ingestão de cápsulas de colágeno.** O resultado: 13kg a menos. <sup>45</sup>

<sup>44</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 53 anos; altura: 1,80 m; peso antigo: 126 kg e peso atual: 76 kg.

<sup>45</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 29 anos; altura: 1,57 m; peso antigo: 67 kg e peso atual: 54 kg.

Pode-se perceber que a depoente afirma ter recorrido a vários procedimentos de ordem estética para transformar o seu corpo. Os tratamentos utilizados pela “ex-gordinha” foram dedicados, de modo especial, à flacidez. Entende-se que isso se deu pela mudança de hábitos alimentares, “resolvi fazer dieta”, e também pela busca de perda de peso; “o resultado: 13kg a menos”. Sendo assim, para evitar que a pele cedesse, a mulher recorreu “à drenagem linfática, à endermoterapia, bem como à ingestão de cápsulas de colágeno”. Sob o ponto de vista de uma previsão estética, esses recursos trabalham as diferentes partes do corpo que se julga que devem ser modificadas: “do joelho ao culote, do braço à panturrilha, o corpo é visto de forma fragmentada, uma parte a ser reesculpida, consertada, desconectada de um todo” (NOVAES, 2013, p. 86), pois não importa o preço a pagar: é preciso ser magro.

Como se espera ter demonstrado, exibir e contemplar a corpulência foi uma atividade admirada por séculos. No entanto, a partir de 1960, tornou-se feio ostentar alguma saliência e um pouco de flacidez logo abaixo do umbigo (SANT’ANNA, 2014a). Esse século trouxe uma nova percepção não somente em relação ao corpo, mas também sobre toda a sua imagética.

No mundo da moda, a alta costura começou a se preocupar em atender a uma rigorosa modelagem física, que escolhia o manequim 36 para representar “a cintura fina, a elegância e a feminilidade” (SANT’ANNA, 2014a, p. 3). Desse modo, compreende-se que, socioculturalmente, o manequim 36 foi cristalizado como o representante da perfeição corporal (NOAVES, 2013). Diz-se, por este motivo, que a silhueta feminina passou a figurar dentro e fora das passarelas. Percebe-se, assim, que não basta seguir o padrão magro, mas é preciso também usar 36. Veja-se, mais uma vez, a “lógica” mercadológica constituindo o discurso das “ex-gordinhas”:

SD 29: **Em um ano pulei do manequim 44 para o 36.** Me sinto em boa forma e realizada.<sup>46</sup>

Nas palavras de Sant’Anna (2014a, p. 5), vestir-se conforme o manequim da moda requer uma barriga firme e magra. Deixa de ser suficiente a cintura de pilão; é necessário ostentar uma barriga “negativa”. É preciso também “que, abaixo da linha da cintura, toda a forma do ventre fosse desprovida de qualquer traço de flacidez ou volumes que ousassem avançar para além do cócs das calças”.

---

<sup>46</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 34 anos; altura: 1,63 m; peso antigo: 73 kg e peso atual: 57 kg.

Com base nisto, compreende-se que a barriga feminina ganhou destaque e, por isto, “precisou” de cuidados estéticos exclusivos e ofertados por uma indústria que não poupa esforços para oferecer às mulheres “verdadeiros milagres” para a obtenção do *shape* da atualidade. De acordo com Novaes (2013, p. 95), “a produção da aparência, a modelagem do corpo e a correção estética dão-se, essencialmente, por meio do consumo”. Pode-se, portanto, dizer que, sob a silhueta feminina magra, “saudável” e “bonita”, trabalha a “lógica” de consumo do sistema capitalista.

Sobre isso, Sant’Anna (2014b, p. 16) aponta que, “desde que se acreditou que ‘feiúra vende mal’, o peso da beleza na economia cresceu de modo inusitado”. Nesta perspectiva, compreende-se que ser feio, sob este prisma, é não seguir o padrão de beleza socialmente instituído; é não ser magro; é não vestir 36. Por esse motivo, é comum que as depoentes mencionem as insatisfações que sentem em relação as suas aparências, como se pode constatar na SD abaixo:

SD 30: A minha briga com a balança era constante. **Quando gorda, eu me sentia feia e desmotivada.**<sup>47</sup>

A respeito disto, Novaes (2013, p. 98) afirma que os

problemas com a má aparência e, certamente, com a gordura figuram entre um dos piores tipos de desleixo do corpo. São, por conseguinte, concebidos como uma transgressão moral, traduzindo um modo inadequado de relacionamento com o corpo, no qual estão excluídos: exercícios físicos, esforço, disciplina, persistência, obstinação e autoestima. Vimos, portanto, que o mérito atribuído socialmente à beleza recai, cada vez mais, sobre um esforço individual.

Verifica-se, com base no exposto, que a imagem do gordo é associada a problemas com a aparência e, ainda, com o descaso em relação ao ‘cuidado’ com o próprio corpo. Desta forma, para ser considerado belo, é preciso “investir” tempo e dinheiro em práticas corporais ditadas pelo mercado; é necessário se aproximar do padrão magro; é não ser obeso e exibir músculos torneados: na medida “perfeita”.

Entretanto, deve-se notar que a gordura como indício de feiúra atinge um público em especial. Percebe-se que, na tradição popular, os bebês “gorduchos” são considerados saudáveis e fofos; os idosos “gordinhos” são qualificados como fortes

---

<sup>47</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 30 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 85 kg e peso atual: 60 kg.

possuidores de uma saúde de “ferro”. É somente na fase adulta que *ser gordo* é motivo de descrédito, “coincidentemente” com o momento da vida que apresenta as maiores condições para o consumo. Em consonância com a autora supracitada,

a modelagem da boa aparência na verdade é investida de grande carga ideológica, fazendo com que a lógica do consumo permeie todos os investimentos estéticos. *A ordem é cooptar tudo que desvie do padrão.* E nada, na atualidade, é mais divergente do que a gordura (NOVAES, 2013, p. 102, grifos nossos).

Percebe-se que lucrar através dos imperativos que perpassam o corpo e a aparência física do sujeito é o principal objetivo da “indústria da magreza”. Sob esta obrigação, julga-se que, para “possuir” o corpo “ideal” e, em decorrência, ter uma boa aparência, é preciso realizar procedimentos estéticos e cirúrgicos, fazer dietas, frequentar academias de ginástica, etc. Logo, é preciso consumir. Neste sentido, observem-se as SDs que seguem:

SD 31: Há oito anos fiz uma **cirurgia plástica para dar adeus as gordurinhas que tanto me incomodavam**. Desde então, mantenho um corpo magro e saudável.<sup>48</sup>

Pode-se assumir que o culto ao corpo possibilitou que ele seja (re)modelado a partir de diversos métodos que prometem “dar fim” aos “quilos extras” e “garantir” o corpo contemplado socialmente. É por isso que se diz que as mulheres são “convidadas a esculpir seu próprio corpo, como se tivessem a plasticidade da argila, segundo ideais fornecidos” pelo mercado (NOVAES, 2013, p. 85). Conforme aponta esta autora, *“trata-se de colocar a mulher aprisionada e sempre a serviço de seu próprio corpo, seja para aperfeiçoá-lo, ultrapassá-lo, modificá-lo e, muitas vezes, mutilá-lo, pois não importa o preço a pagar”* (NOVAES, 2013, p. 91, grifos nossos): é necessário ser magro e vestir 36.

SD 32: **Quanto as mil dietas que fiz, todos os shakes e sopas que tomei e os vaivéns aos spas**, sei que, de uma forma ou outra, eles fizeram efeito.<sup>49</sup>

<sup>48</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 50 anos; altura: 1,66 m; peso antigo: 76 kg e peso atual: 62 kg.

<sup>49</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 53 anos; altura: 1,80 m; peso antigo: 126 kg e peso atual: 76 kg.



SD 33: Adoro comer, mas descobri que gosto mais de ser magra. Pensando assim, **fazer dieta** deixou de ser um sacrifício e virou um hábito.<sup>50</sup>

Tem-se, como se percebe, um corpo que é resultado de procedimentos como, por exemplo, cirurgias plásticas, dietas, *shakes*, sopas e *spas*. Diante disto, pode-se afirmar, novamente, que as “ex-gordinhas” são, de determinado modo, abastadas e podem “investir” no “pacote” que visa “garantir” beleza e saúde, mas, principalmente, “o corpo da moda” (NOVAES, 2013, p. 87).

Percebe-se que é recorrente as depoentes apontarem os procedimentos que realizaram em seus corpos; eles remetem aos cuidados estéticos, às intervenções cirúrgicas e aos hábitos alimentares. Ressalta-se, com base nas SDs, a menção recorrente a ‘dieta’. Segundo Sant’Anna (2014a, p. 7), no último século, ocorreu uma intensa “difusão de receitas para emagrecer e acabar com a gordura abdominal”. Com base nesse ditame, pode-se entender que, para ter o corpo “ideal”, é preciso fazer regime e, por conseguinte, consumir “sopas e shakes” e produtos *light*, *diet*, *sem glúten*, *sem lactose* e *sem açúcar*. Sabe-se que esses produtos possuem um alto custo, mas, ao que parece, as “ex-gordinhas” têm dinheiro para comprá-los. Vê-se, sob este ponto de vista, que a indústria alimentícia lucra, de forma significativa, com a propagação do corpo magro. Constata-se, portanto, mais uma vez, a “lógica” de consumo atravessando e constituindo os discursos e os corpos dos sujeitos, em que pese, em aparência, a saúde ser o argumento que prepondera.

Dentre outras coisas, para ter o corpo da atualidade, é preciso, ainda, realizar cirurgias plásticas, como se vê em: “Há oito anos fiz uma cirurgia plástica para dar adeus as gordurinhas que tanto me incomodavam”; como se percebe, as depoentes têm poder financeiro para custear estes procedimentos. Além disso, é “fundamental” frequentar academias e *spas*: mas, elas têm condição financeira para isso.

É preciso também ser assinante/leitora de revistas como a *Women’s Health Brasil*, uma vez que ela, supostamente, auxilia no processo de emagrecimento “fácil e saudável”. De novo: elas têm dinheiro para isso.

SD 34: **Emagreci seguindo a *Women’s Health Brasil*.**<sup>51</sup>

<sup>50</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 34 anos; altura: 1,63 m; peso antigo: 73 kg e peso atual: 57 kg.

<sup>51</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 29 anos; altura: 1,57 m; peso antigo: 67 kg e peso atual: 54 kg.

Considerando esta SD, pode-se afirmar que a revista em questão influencia, sobredeterminantemente, a relação entre os sujeitos leitores e os seus corpos, haja vista que a “ex-gordinha” afirma ter emagrecido “segundo a *Women’s Health Brasil*”. Assim sendo, nota-se que esse magazine é direcionado a um público em especial e com condições financeiras para: a) ser assinante da revista por “apenas” 10 vezes de R\$11,90 ao ano; b) ser leitor eventual por aproximadamente R\$14,90 o exemplar e, por fim, c) seguir as dicas e instruções de “combate à gordura” que circulam em suas páginas; todas a serviço da publicidade e da imposição de um padrão corporal.

Logo, vê-se que a revista é um suporte da “indústria da magreza”. Pode-se dizer que ela incorporou o discurso sobre o corpo gordo ser ruim, porque, em última instância, lucra com a divulgação de formas e métodos para a “conquista” do corpo “perfeito”. Assim, é necessário ressaltar que as revistas destinadas ao ‘cuidado’ com o corpo, tal como a publicidade e a mídia em geral, entraram no jogo do sistema capitalista, tendo como foco não a saúde, mas o retorno financeiro.

Além disso, deve-se perceber que a linguagem utilizada pelas “ex-gordinhas” também pode ser considerada reveladora do poder aquisitivo que elas possuem:

SD 35: O resultado da minha determinação foi: 12 kg a menos e um **shape** seco e definido.<sup>52</sup>

Neste caso, ressalta-se, de modo especial, o emprego do termo *shape*. Este vocábulo pertence à Língua Inglesa e o seu significado é “forma” (OXFORD, 2010, p. 650). O seu uso é recorrente em expressões que objetivam retratar, dentre outras coisas, a “boa forma” física do sujeito. Na SD 35, constata-se que o emprego do termo se caracteriza como um empréstimo linguístico: a depoente “incorporou” ao seu vocabulário um termo pertencente a outra língua. Sendo assim, poder-se-ia perguntar: 1) por que a “ex-gordinha” silencia a expressão “boa forma”? e 2) por que utilizar *shape* ao invés do seu “correspondente” na língua nativa?. Entende-se que, ao “optar” por um termo e silenciar outro, a “ex-gordinha” demonstra ser conhecedora (em tese) da língua estrangeira, bem como dominar um léxico mais “sofisticado”, o que leva a reafirmar a crença de que não é qualquer mulher que atende à imposição do corpo magro: é preciso ter dinheiro.

Portanto, no discurso materializado pelas depoentes, observa-se que o corpo

---

<sup>52</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 32 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

é atravessado pela visada mercadológica e consumista. De saúde, principalmente, mas de beleza também, não há tanto assim; o lucro é o objetivo principal. Segundo Novaes (2013), o corpo moderno deverá servir de suporte para a produção de todos os “bens” oferecidos pela sociedade contemporânea. É por meio dele que se vende produtos, alimentos, procedimentos estéticos, cirúrgicos e dietas. Observa-se, pois, que o corpo se tornou um rentável “negócio” para a “indústria da magreza”.

É possível afirmar, assim, que o corpo gordo foi, aos poucos, caindo em “descrédito”. Considerando as SDs analisadas, ele é carregado de efeitos de sentido depreciativos, sendo caracterizado como o corpo “ruim”, capaz de gerar frustrações e problemas para os seus portadores. Considera-se, portanto, que a gordura deu lugar à magreza (NOVAES, 2006); a ela é atribuída uma crescente positividade, que, como se buscou mostrar, possui, acima de tudo, motivações mercadológicas, em que pese, nos discursos das “ex-gordinhas”, a teimosia renitente em afirmar que a preocupação é com a saúde.

Verificou-se também que as “ex-gordinhas” assumem, aparentemente, esse discurso. Elas relatam os dissabores que enfrentavam quando eram gordas e, conseqüentemente, os “benefícios” que surgiram com a “conquista” do corpo “ideal”. No entanto, em que pese a carga ideológica que se abate sobre elas e os ditames financeiros que as levam ao consumo da mais variada gama de soluções “milagrosas” para os seus dilemas, parece possível pleitear que elas não estão convictas de que o seu próprio discurso seja tão verdadeiro e nem que estejam totalmente de acordo com o que o discurso corrente prega; ou seja: o discurso delas falha e, ao falhar, mostra que o ditame atual não parece ser tão bem-vindo assim.

Nesta perspectiva, compreende-se as palavras de Pêcheux, que afirma que *“apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimentos e brechas”* (PÊCHEUX, 2014b, p. 277, grifos nossos). A insegurança ou falta de convicção das “ex-gordinhas” frente ao discurso da corporeidade moderna se manifesta em pequenas lacunas ou equívocos que apontam para um desejo que parece um tanto afastado, mas que, mesmo assim, faz-se presente nas brechas que constituem o(s) discurso(s) desses sujeitos. Apesar de os depoimentos serem teimosamente a favor do corpo magro, alguma coisa mostra que ele suprime o desejo de algo ‘perdido’ no tempo anterior.

Esta insegurança ou falta de convicção (ou, ainda, a manifestação de uma

falta/desejo) sobre as renúncias e os investimentos que se devem fazer à luz do discurso atual sobre o corpo magro é identificável no *corpus* pesquisado. Para a demonstração desta hipótese, considerem-se, de início, as SDs que seguem:

SD 36: Costumo dizer que **hoje sou ex-gordinha**.<sup>53</sup>

SD 37: Digo brincando que **me considero uma ex-gordinha**.<sup>54</sup>

Percebe-se, nas SDs acima, que as depoentes se autodenominam como “ex-gordinhas”. Chama-se a atenção para o uso do prefixo “ex”, pois, no limite, entende-se que ele é uma marca reveladora da insegurança que permeia o discurso dessas mulheres. Como é comum acontecer, o uso deste prefixo unido a um substantivo como, por exemplo, “gordinha”, *indica que o sujeito deixou de ser aquilo que era antes*, como se verifica no caso de palavras, como “ex-marido”, “ex-esposa”, “ex-funcionário”, “ex-presidente”, dentre outros. Contata-se, nestes casos, que o uso indica que o sujeito *deixou de ser* marido, *deixou de ser* esposa, *deixou de ser* funcionário e *deixou de ser* presidente, mas, como também é atestável com uma determinada facilidade, sempre existe *a possibilidade de voltarem a ser*; é isso que, aparentemente, ocorre em relação às “ex-gordinhas”, que, uma vez que foram, podem voltar a ser; daí a insegurança e a falta de convicção pleiteada.

Posto isto, compreende-se, por meio das SDs em estudo, que as depoentes passaram de “gordas/gordinhas” para “ex-gordinhas”; e não de “gordas/gordinhas” para **magras**, o que revela uma certa indecisão e permite pressupor que, mesmo que não o queiram, elas sentem que podem voltar a ter o corpo que tinham antes, o que não é visto de todo como uma coisa indesejável, como se verá a seguir. Assim, entende-se que elas falham em relação ao atendimento à previsibilidade discursiva, uma vez que era esperado que afirmassem que, hoje, “são magras”; esse seria o discurso previsto, caso elas estivessem assumido plenamente o discurso que impera sobre a “necessidade” de ter um corpo dentro do padrão.

A respeito disto, Authier-Revuz (2014, p. 261, grifos do autor) menciona que “o sujeito se constitui, em um irreduzível desvio [*écart*] de si mesmo, sujeito pelo fato de que é falante e, por consequência do que ele é, falho”. Assim, entende-se que o

<sup>53</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 29 anos; altura: 1,57 m; peso antigo: 67 kg e peso atual: 54 kg.

<sup>54</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 32 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

discurso das “ex-gordinhas” falha, em algum momento e de alguma forma. Buscar-se-á dar sustentação a esta hipótese por meio de ingredientes do discurso das depoentes.

Outro elemento da materialidade linguística do intradiscurso das “ex-gordinhas” que permite postular a falha supramencionada e, por decorrência, da sua falta de convicção é o emprego do *advérbio de intensidade “mais”*. Vejam-se, abaixo, alguns enunciados elucidativos desta problemática:

SD 38: Hoje, os homens me olham na rua e meu marido me dá **mais** atenção.<sup>55</sup>

Verifica-se, na SD38, que a depoente aborda a “admiração” que o seu “novo” corpo causa no público masculino (tanto no marido quanto em outros homens), pois ela passou a receber *mais* atenção (o que não significa que ela já não existisse). Deste modo, pode-se presumir, por meio do *advérbio de intensidade “mais”*, que a atenção recebida por parte do marido já se fazia presente em sua vida e, talvez, ela não fosse nem tão distante assim da atual e nem se pode afirmar categoricamente que tenha melhorado apenas pelo “novo” corpo. Entende-se, assim, que a autoestima elevada de agora não é um “benefício” exclusivo do corpo magro; o que se pode afirmar é que, talvez, a atenção (já dada) tenha se intensificado, sem que se saiba exatamente em que graduação distinta isso acontece. Sendo assim, considera-se que o uso do advérbio *mais* provoca quebras com o discurso esperado.

Percebeu-se, no decorrer dos capítulos, que o discurso das “ex-gordinhas” sobre o corpo gordo se centra, fundamentalmente, numa matriz de sentido negativa. Apesar disto, a partir dos “equivocos” cometidos, parece que ele não é tão “ruim” assim, uma vez que a depoente deixa escapar que, quando gorda também recebia atenção do marido. Sob este ponto de vista, entende-se que, se as “vantagens” estivessem atreladas unicamente ao corpo magro, a depoente afirmaria que foi a partir da “conquista” do corpo aclamado socialmente que o marido passou a lhe dar atenção; e não *mais* atenção. Portanto, é necessário relativizar os corpos e ouvir os “erros” que estas mulheres cometem.

Nesta mesma toada, observe-se a SD que segue:

---

<sup>55</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 53 anos; altura: 1,80 m; peso antigo: 126 kg e peso atual: 76 kg.

SD 39: Atualmente, com o ponteiro nos 60 kg, **ela comemora as novas amizades e a melhora na relação com o marido: Ele me valoriza mais e sente ciúme de mim.**<sup>56</sup>

Pode-se observar que a SD39 vem ao encontro do que foi abordado na SD anterior. Nela, pode-se perceber que a depoente relata as “melhorias” advindas com o corpo magro, sobretudo, no que tange às relações interpessoais.

Assim, chama-se atenção para o uso do enunciado “ela comemora as novas amizades e a melhora na relação com o marido”. Nele, o uso do qualificativo “*novas*” permite inferir que, quando gorda, ela já tinha amigos ou “velhos” amigos e não que não tinha amizades (que, em hipótese, talvez fossem até menos superficiais do que as atuais, imaginando-se o discurso que pauta as interações de agora). Além disso, se a relação com o marido *melhorou*, a flexão verbal não permite afirmar que antes já não fosse interessante, pois não há uma escala que possa medir objetivamente a diferença entre um estágio e outro. Veja-se, aqui, que as “conquistas” mencionadas já faziam parte da vida da “ex-gordinha”.

Novamente, merece destaque o uso recorrente do *advérbio de intensidade* “*mais*”, em “ele me valoriza **mais** e sente ciúme de mim”, que possibilita afirmar que a “ex-gordinha”, antes, quando gorda, também era valorizada pelo marido. É possível compreender, por consequência, que ser valorizada não é uma “vantagem” intrínseca do corpo magro, uma vez que este “benefício” também se fazia presente no corpo considerado ‘fora’ do padrão. O discurso da “ex-gordinha” falha e, ao falhar, revela, como se pretende mostrar, que a interpelação não ocorreu em definitivo.

Outro aspecto a ser problematizado em relação ao enunciado diz respeito ao excerto “sente ciúme de mim”, pois se entende que ser “mais” valorizada porque alguém sente “ciúme” pode não ser exatamente benéfico para o relacionamento, além do que não se pode precisar se o ciúme provocado seria, nessas condições, do corpo ou do sujeito que habita este corpo.

Considerando que a falha se manifesta “incessantemente e sob mil formas” no discurso do sujeito (PÊCHEUX, 2014b, p. 277), faz-se necessário ir além para compreender a insegurança/indecisão constitutiva do discurso das depoentes. Sob este ponto de vista, vejam-se as SDs abaixo:

---

<sup>56</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 39 anos; altura: 1,60 m; peso antigo: 95 kg e peso atual: 60 kg.

SD 40: Saltei do manequim 44 para o manequim 36, hoje sou uma mulher **mais** segura.<sup>57</sup>

SD 41: Quando gorda não sentia vontade de sair de casa, tinha vergonha da minha imagem, hoje eu sou **mais** feliz.<sup>58</sup>

SD 42: Costumo dizer que hoje sou uma nova mulher. **Mais feliz, mais saudável e mais bonita.**<sup>59</sup>

Nas SDs acima, as “ex-gordinhas” relatam, de forma renitente, as “vantagens” que o corpo magro, supostamente, trouxe para as suas vidas. Porém, faz-se necessário ressaltar, mais uma vez, o emprego do *advérbio de intensidade* “mais”, com o uso deste elemento, percebe-se que, ao afirmarem que hoje são “mais seguras”, “mais felizes” e “mais saudáveis e bonitas”, elas não deixam de dizer que já eram antes. Percebe-se, portanto, que as depoentes criam rupturas, sem que o desejem, com o discurso previsto, uma vez que se esperaria que elas dissessem:

40.a - Saltei do manequim 44 para o 36, **hoje sou uma mulher segura.**

41.a - Quando gorda não sentia vontade de sair de casa, tinha vergonha da minha imagem, **hoje eu sou feliz.**

42.a - Costumo dizer que hoje sou uma nova mulher. **Feliz, saudável e bonita.**

Entende-se que uma alma convicta de um determinado prisma avaliativo e que efetivamente aceitasse o discurso previsto e de acordo com a FD de que elas aparentam ser porta-vozes, deveria, talvez, dizer o que diz do modo revisto acima. No entanto, ao que parece, as “ex-gordinhas” se encontram no *entre meio* de dois ditames ideológicos: a saber, aquele sobre o corpo magro e aquele sobre o corpo gordo, já que se pode perceber que elas materializam o discurso socialmente imposto sobre a “necessidade” de possuir um corpo dentro do padrão, contudo não parecem estar plenamente de acordo (ou seguras) com o que este discurso prega, já que não deixam de afirmar que, quando gordas, recebiam atenção dos maridos e eram, de certo modo, valorizadas, seguras, felizes, saudáveis e bonitas.

<sup>57</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 29 anos; altura: 1,57 m; peso antigo: 67 kg e peso atual: 54 kg.

<sup>58</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 39 anos; altura: 1,60 m; peso antigo: 95 kg e peso atual: 60 kg.

<sup>59</sup> Estes são os dados que constam na seção de depoimentos sobre a depoente – idade: 32 anos; altura: 1,70 m; peso antigo: 70 kg e peso atual: 58 kg.

Constata-se, portanto, que as “ex-gordinhas” são clivadas, ou seja, acham-se divididas entre posicionamentos discursivos em confronto; isto é, as depoentes não assumiram radicalmente o discurso sobre o corpo magro e nem refutaram de todo o discurso sobre o corpo gordo. É nesta perspectiva que se postula que elas não estão seguras sobre o discurso que materializam e nem tampouco sobre o modelo de corpo que a FD que trata do corpo magro preza. É por esta razão que se defende que as “ex-gordinhas” são uma alma **indecisa**.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou problematizar o padrão corporal que sobrepõe o público feminino. Para isso, estabeleceu-se como objetivo geral da pesquisa analisar as *sequências discursivas* recortadas de depoimentos de mulheres (“ex-gordinhas”) que emagreceram, isto é, mudaram de um manequim maior para um menor, e que foram publicados na revista *Women’s Health Brasil*, já que são representativos da FD dominante sobre o corpo moderno “ideal”.

Com base nisto, os capítulos de análises foram dedicados a contemplar os objetivos específicos. De início, buscou-se investigar, no capítulo 3, “O corpo que ‘foge’ ao padrão: em análise, o corpo gordo”, a suposta relação de consequência “lógica” criada pela revista entre a posse de um corpo “gordo” e o sofrimento de certas “desvantagens”. Nesse sentido, procurou-se evidenciar como o corpo gordo é discursivizado pelas depoentes. Por meio deste estudo, constatou-se que o discurso das “ex-gordinhas” se sustenta numa *matriz de sentido negativa, demeritória e pejorativa*, caracterizando-o como um corpo “ruim/indesejável” e, por conseguinte, capaz de gerar frustrações aos seus portadores.

No capítulo 4, “O modelo corporal socialmente eleito: em análise, o corpo magro”, procurou-se analisar a suposta relação de consequência “lógica” criada pela revista *Women’s Health Brasil* entre a “conquista” de um corpo magro e o alcance de determinados “benefícios”. Nesta parte, pôde-se perceber, considerando as SDs analisadas, que as “ex-gordinhas” atrelam o corpo magro a “vantagens” variadas. Desse modo, o corpo magro se centra numa *matriz de sentido positiva e benéfica*, contribuindo, desta forma, para a cristalização deste modelo corporal como sendo o representante do que é “bom e belo”.

O último capítulo da pesquisa, “Ex-gordinhas: uma alma indecisa”, destinou-se à verificação do posicionamento das depoentes em relação ao corpo antigo/atual e se objetivou trazer à tona até que ponto os discursos a respeito do corpo magro e do corpo gordo são efetivamente assumidos por elas, uma vez que há marcas de um ritual que falha em termos de atender à previsibilidade discursiva. Nesta seção, em especial, retomaram-se as SDs analisadas e outras foram utilizadas para mostrar a insegurança que perpassa essas mulheres e os seus discursos.

Em relação à falha, pôde-se verificar, na materialidade linguística do discurso

das depoentes, quando ela acontece. Nesta perspectiva, considerou-se que há dois grandes indícios de quando a língua “fura” o discurso desses sujeitos. O primeiro diz respeito ao fato de que se autodenominam “ex-gordinhas”. Conforme as discussões feitas neste capítulo, o emprego do prefixo “ex” pode ser visto como indicativo da **indecisão** que essas mulheres vivem, pois, ao afirmarem que são “ex-gordinhas” hoje, elas parecem não excluir a possibilidade de voltarem a ter o corpo que tinham antes. Compreende-se que, se tivessem assumido o discurso sobre o corpo magro, afirmariam, convictamente, que são **magras**; e não “ex-gordinhas”.

Outro ingrediente que merece destaque é o uso do *advérbio de intensidade* “*mais*”, elemento de uso recorrente e utilizado para enfatizar que as “ex-gordinhas” recebem “*mais*” atenção, são “*mais*” valorizadas ou, ainda, “*mais*” seguras, “*mais*” felizes, “*mais*” saudáveis e “*mais*” bonitas, o que subentende que já eram antes e que, portanto, não assumiram tão radicalmente assim o discurso que impera sobre a “necessidade” de ter um corpo magro.

A partir disto, considera-se que as “ex-gordinhas” são sujeitos divididos entre duas *formações discursivas*. Elas parecem assumir, na materialidade linguística, o discurso de que o corpo magro é bom e capaz de “garantir” “benefícios” como, por exemplo, saúde, beleza, bem-estar, autoestima, dentre outros, mas elas não estão certas de que isso seja verdade e nem que estejam perfeitamente de acordo com o que o discurso prega, haja vista que as depoentes relatam que essas “vantagens” também se faziam presentes, de certa forma, em suas vidas quando eram gordas. Por consequência, o discurso delas falha e, ao falhar, revela que o ditame atual não parece ser completamente determinante.

É preciso ressaltar, também, que se buscou demonstrar, na última parte da dissertação, como o corpo é sobredeterminado, fundamentalmente, pelas dinâmicas mercadológicas (BORBA; HENNIGEN, 2015). A respeito disto, Orlandi afirma que

O corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito. O corpo não é infenso à ideologia. *Por isso pode ser tão afetado quanto o é, em nossa sociedade de consumo, de mercado, de tecnologias* (ORLANDI, 2012, p. 95, grifos nossos).

Neste contexto, considera-se que o corpo contemporâneo é construído a partir da “lógica” de consumo do sistema capitalista, que tornou também o corpo um lucrativo “negócio” (SANT’ANNA, 2014b). Deste modo, percebe-se que há uma

indústria imperativa (ou propagadora) da magreza que influi, determinantemente, sobre as mulheres e a sua corporalidade e que não mede esforços para oferecer os mais variados procedimentos como, por exemplo, os estéticos e cirúrgicos, além de uma gama de dietas, atividades físicas e *spas*, para que, por meio do consumo desses “bens”, “conquiste-se” (não sem custo) o padrão corporal contemplado socialmente.

Sob este amparo, entende-se que a revista *Women's Health Brasil* pode ser considerada um suporte que trabalha a favor desta indústria, uma vez que veicula, em suas páginas, práticas que prometem “garantir” (ou vender) a obtenção de um corpo “ideal”, mas cujo objetivo primordial é o **lucro**. Deste modo, compreende-se que, apesar de circular socialmente em diversas instâncias, este magazine é voltado para um público específico: mulheres com certo poder aquisitivo, pois é necessário assinar/comprar a revista e custear o “programa” de emagrecimento que consta em suas páginas. Diante disto, observou-se que a publicidade e a mídia, de modo geral, são voltadas, principalmente, para quem tem dinheiro e objetivam tão somente lucrar com a propagação de um corpo “perfeito”, à revelia da saúde e do bem-estar.

Espera-se, com esta pesquisa, alertar que impera sobre as mulheres e os seus corpos uma questão mercadológica. Vê-se, assim, que não se trata de sujeitos donos de seus corpos, mas de reféns de uma indústria propagadora da magreza que objetiva, sobretudo, lucrar com a divulgação de um corpo idealizado. Almeja-se, também, atentar para o poder persuasivo que a publicidade, a mídia e, neste caso, a revista exerce sobre os sujeitos, compreendendo que elas são instâncias de poder que governam, monitoram e controlam o comportamento do sujeito e a sua relação com o seu corpo (FOUCAULT, 2008).

O caminho destinado a problematizar o padrão corporal feminino não se finda aqui. Considerando que o corpo não pode ser dissociado da representação de cada tempo e das condições sócio-históricas, culturais e ideológicas em que se vive, fez-se necessário mostrar que houve diferentes formas de representá-lo e compreendê-lo no decorrer dos séculos XX e XXI; ele foi da cintura de pilão à barriga negativa (SANT'ANNA, 2014a). Assim, parte-se do princípio de que ele ainda será significado diversas vezes, pois está atrelado aos ditames de cada tempo (ORLANDI, 2012). Com base nisso, buscou-se discutir, neste estudo, o corpo na contemporaneidade: aquele que é manipulado, modelado, treinado e que obedece (FOUCAULT, 2009) à “lógica” de consumo do sistema capitalista.

## REFERÊNCIAS

- ARTAUD, A. In: ARTAUD, A. **Van Gogh: o suicidado da sociedade**. (Trad. Ferreira Goulart). Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- AUTHIER-REVUZ, J. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Gestos de leitura: da história no discurso**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. (p. 261-284).
- BERGER, M. **Corpo e Identidade Feminina**. 2006. 312 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BORBA, M. P.; HENNIGEN, I. Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 246-255, 2015.
- CASTRO, A. L. Culto ao corpo: identidade e estilos de vida. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, 2004, Coimbra - Portugal. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/analuciacaastro.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- DICIONÁRIO **Oxford Advanced Learner's Dictionary**. Oxford University Press. Oxford, 2010.
- FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. In: Freda Indursky. (Org.). **Michel Pêcheux e Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. 1. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2005. (p. 13-22).
- FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: DEBERT, G. G. **Antropologia e Velhice**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1993.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. (Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio). São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25. ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36. ed. (Trad. Raquel Ramalheite). Petrópolis: Vozes, 2009.

GADET, F. et al. Apresentação da conjuntura em Linguística, em Psicanálise e em Informática Aplicada ao Estudo de Textos na França, em 1969. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. (Trad. Bethânia S. Mariani *et. al.*). 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. (p. 39-60).

GREGOLIN, M. do R. Michel Pêcheux e a história epistemológica da linguística. In: Fonseca-Silva MC, Santos EJ. (Orgs.). **Estudos da língua(gem)**. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. Vitória da Conquista: Uesb, 1, jan/jun, 2005. (p. 99-111).

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. (Trad. Bethânia S. Mariani *et. al.*). 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. (p. 13-38).

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editore, 2007.

INDURSKY, F. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. **Signo y Señá**. [S. l.]. n. 24, p. 91-104, 2013. (p. 75-87).

MALDIDIÉ, D. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. (Trad. Eni P. Orlandi). Campinas: Pontes, 2003.

MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques & VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. (Trad. Ephraim Ferreira Alves). 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (p. 15-82).

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. Da cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**. v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003.

NOVAES, J. V. Ser feia, ser mulher, ser excluída. **Psicologia**. [S.l.], p. 1-10, 2006.

NOVAES, J. V. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio: Garamond, 2013.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis, RJ: 1996.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). IN: GADET, Françoise e HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de

Michel Pêcheux. (Trad. Bethânia Mariani *et. al.*). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (p. 59-106).

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** (trad. Bethânia S. Mariani *et. al.*). 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. (p. 159-249).

PÊCHEUX, M. A forma sujeito do discurso. In: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.** (Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.*). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a. (p. 145-168).

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.** (Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.*). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b. (p. 269-281).

PÊCHEUX, M. Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux.** (Trad. Pedro de Souza). 4. ed. Campinas: Pontes, 2016. (p. 55-71).

POSSENTI, S. Discurso transverso em piadas de corintiano/Transverse Discourse in jokes about corinthians fans. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 144-155, 2017.

REVISTA WOMEN'S HEALTH BRASIL, São Paulo: EDITORA ABRIL, 2013.

REVISTA WOMEN'S HEALTH BRASIL, São Paulo: EDITORA ABRIL, 2014.

REVISTA WOMEN'S HEALTH BRASIL, São Paulo: EDITORA ABRIL, 2015.

REVISTA WOMEN'S HEALTH BRASIL, São Paulo: EDITORA ABRIL, 2016.

REVISTA WOMEN'S HEALTH BRASIL, São Paulo: EDITORA ABRIL, 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1995.

SANT'ANNA, D. B. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA, D. B. Da gordinha à obesa: paradoxos de uma história das mulheres. **Labrys**, [S.l.], jan./jun. 2014a. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys25/corps/denise.htm>>. Acesso em: 09 Ago. 2017.

SANT'ANNA, D. B. **História da beleza no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014b.

SANT'ANNA, D. B. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SOUZA, K. **O feminino na estética do corpo**: uma leitura psicanalítica. 2007. 184 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRINCA, T. **O corpo-imagem na cultura de consumo**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.